



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA -
PROFHISTÓRIA

ANA PAULA DELGADO

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA DIGITAL NA AULA DE HISTÓRIA -
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO RUBEN BERTA (PORTO ALEGRE -RS)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Caroline Pacievitch.

Porto Alegre

2025

ANA PAULA DELGADO

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA DIGITAL NA AULA DE HISTÓRIA -
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO RUBEN BERTA (PORTO ALEGRE -RS)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História - Profhistória - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Caroline Pacievitch

Porto Alegre

2025

CIP - Catalogação na Publicação

Delgado, Ana Paula

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA DIGITAL NA AULA DE
HISTÓRIA - UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO RUBEN BERTA
(PORTO ALEGRE -RS) / Ana Paula Delgado. -- 2025.
85 f.

Orientadora: Caroline Pacievitch.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de
História, Porto Alegre, BR-RS, 2025.

1. Ensino de História. 2. Memória. 3. Educação
Patrimonial. 4. Patrimônio Escolar. 5. Cultura Digital. I.
Pacievitch, Caroline, orient. II. Título.

ANA PAULA DELGADO

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA DIGITAL NA AULA DE HISTÓRIA -
UMA EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO RUBEN BERTA (PORTO ALEGRE -RS)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - Profhistória - da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2025

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Caroline Pacievitch (Orientadora) (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Marcella Albaine Farias da Costa (UFRR)

Prof.^a Dr.^a Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar sincera gratidão à minha orientadora, professora Caroline Pacievitch, cuja orientação, paciência e expertise foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Seus conselhos e *feedbacks* foram essenciais em cada etapa do processo. Até a metade do curso, eu tinha o acompanhamento de outro orientador, mas sentia que faltava a atenção que precisava para a escrita: sugestões de bibliografias, reuniões, e outras demandas importantes para o sucesso da dissertação. Diante deste contexto e questionamentos de minha parte, o orientador decidiu que não iria mais me acompanhar. Passei por um período de incertezas, porém, continuei a pesquisa enquanto a coordenação do curso buscava uma alternativa para o meu caso. A ex-coordenadora do programa, professora Caroline Bauer, foi bem importante neste processo. Ela acreditou no meu projeto e inclusive, se colocou à disposição, caso não encontrássemos um substituto para a orientação. Para a minha grata surpresa, a professora Caroline Pacievitch se disponibilizou a me auxiliar. Desde o início, demonstrou muita sabedoria e experiência para me conduzir corretamente nos passos da pesquisa, sendo fundamental todo o seu suporte, atenção, conhecimento, revisões e sugestões para a efetiva realização desta dissertação.

Agradeço aos professores que me acompanharam nesta trajetória do mestrado profissional, pois muitos são os desafios que se colocam quando precisamos conciliar o trabalho com os estudos. Em todas as cadeiras, houve esse diálogo entre a prática da sala de aula com a teoria aplicada, o que me incentivou a continuar, pois estes conhecimentos faziam sentido no meu cotidiano pedagógico. Agradeço ao Profhistória pela oportunidade em cursar o mestrado profissional na minha área de ensino, é um incentivo fundamental aos professores da educação básica de continuar seus estudos e influenciar as suas práticas de ensino. Sou grata à CAPES por ter concedido a bolsa de estudos, através dela contei com recursos de materiais pedagógicos, deslocamentos até o campus, participação em cursos, entre outros. A parceria da UFRGS com o programa é um exemplo constante do sucesso da universidade pública na promoção, incentivo, desenvolvimento e suporte às pesquisas, principalmente na área da educação, também sou grata à Instituição.

Gratidão aos meus colegas da turma de 2022, o apoio, encorajamento, auxílio, desabafos e parcerias, foram motivadores e necessários para que eu conseguisse chegar ao final do curso sem desistir. Aos meus queridos alunos que se dedicaram a participar desse projeto, se apropriando de todo o processo de forma comprometida e me enchendo de admiração e esperança sobre o futuro da educação. Agradeço a equipe de profissionais da

Colégio Ruben Berta pelo apoio, incentivo e liberdade para que eu pudesse desenvolver a pesquisa.

Por fim, eu gostaria de agradecer à minha família por todo o apoio prestado, palavras de confiança, compreensão. Em especial à minha mãe Nadir do Carmo, que muitas vezes entendia que naquelas visitas no final de semana, eu precisava escrever, então tinha sempre um cafézinho novo para oferecer, um almoço gostoso e ainda cuidava do meu filho para que isso fosse possível. O meu agradecimento especial é para o motivador dos meus sonhos, o meu combustível diário para acordar e lutar por um futuro melhor para ele, Lorenzo Delgado, meu amado filho. Pela maturidade, apesar dos seus onze anos, na compreensão de quando eu precisava passar horas entre livros e notebook, pelo silêncio que por vezes precisei que fizesse, por demonstrar orgulho na minha profissão de professora e na minha trajetória para me tornar mestre, e no atual incentivo para que eu siga estudando no doutorado, e com certeza será a próxima meta. O exemplo de estudos contínuos é o maior legado que quero deixar pra ele, para que siga na direção do conhecimento através da educação.

RESUMO

DELGADO, Ana Paula. *Educação patrimonial e cultura digital na aula de história - uma experiência no Colégio Ruben Berta*. Dissertação (Mestrado Profissional no Ensino de História - PROFHISTÓRIA) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

Esta pesquisa tem como principal objetivo apresentar uma experiência na aula de história sobre a educação patrimonial no Colégio Ruben Berta, localizado na cidade de Porto Alegre (RS). A proposta de reflexão e de investigação histórica a partir do patrimônio escolar, dialoga com os conceitos de memória, identidade e cultura digital. Este trabalho, realizado com alunos do Ensino Médio, parte da problemática da preservação da memória do patrimônio escolar através das mídias digitais, com o objetivo de entender como a abordagem historiográfica, aliada à educação patrimonial, pode enriquecer o ensino de História, especialmente ao conectá-lo à realidade local dos estudantes. A partir de roteiros criados para a sala de aula, o trabalho foi realizado com enfoques no patrimônio cultural, no planejamento pedagógico, na história escolar, na utilização das mídias digitais, e por fim na criação de um *site* de memórias. As fontes históricas foram analisadas e selecionadas pelos estudantes e contam com fotografias do colégio de diferentes épocas, documentos oficiais, jornais antigos, objetos materiais e entrevistas com a comunidade escolar. Utilizando como suporte as mídias digitais, os alunos reuniram informações, analisaram, selecionaram e criaram narrativas históricas acerca das fontes escolhidas. Através de discussões sobre patrimônios materiais e imateriais, os educandos foram incentivados a refletir sobre a importância da preservação, do reconhecimento, da identificação e da valorização desses bens culturais. Essa abordagem permitiu que os alunos entendessem o papel dos patrimônios na formação da identidade coletiva e individual, além de desenvolverem uma consciência crítica sobre a necessidade de preservar esses elementos para as gerações futuras. Ao envolver-se ativamente com o tema, os estudantes também passaram a reconhecer a relevância de sua própria cultura e história local, fortalecendo o senso de pertencimento e responsabilidade com o ambiente escolar e a comunidade onde vivem.

Palavras-chave: Ensino de História. Memória. Educação Patrimonial. identidade. Cultura Digital. Patrimônio Escolar.

ABSTRACT

DELGADO, Ana Paula. *Heritage education and digital culture in history class - an experience at Colégio Ruben Berta*. Dissertação (Mestrado Profissional no Ensino de História - PROFHISTÓRIA) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

The main objective of this research is to present an experience in history classes about heritage education at Colégio Ruben Berta, located in the city of Porto Alegre (RS). The proposal for reflection and historical investigation based on school heritage dialogues with the concepts of memory, identity and digital culture. This work, carried out with high school students, starts from the problem of preserving the memory of school heritage through digital media, with the aim of understanding how the historiographical approach, combined with heritage education, can enrich the teaching of History, especially by connecting it to the local reality of students. Based on scripts created for the classroom, the work was carried out with a focus on cultural heritage, pedagogical planning, school history, the use of digital media, and finally the creation of a memory site. The historical sources were analyzed and selected by the students and include photographs of the school from different periods, official documents, old newspapers, material objects and interviews with the school community. Using digital media as support, students gathered information, analyzed, selected and created historical narratives about the chosen sources. Through discussions about tangible and intangible heritage, students were encouraged to reflect on the importance of preserving, recognizing, identifying and valuing these cultural assets. This approach allowed students to understand the role of heritage in the formation of collective and individual identity, in addition to developing a critical awareness about the need to preserve these elements for future generations. By actively engaging with the topic, students also began to recognize the relevance of their own culture and local history, strengthening their sense of belonging and responsibility towards the school environment and the community in which they live.

Keywords: History Teaching. Memory. Heritage Education. identity. Digital Culture. School Heritage.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO.....	16
3 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO.....	28
4 PRÁTICA NA SALA DE AULA	33
4.1 ROTEIRO 1 - O QUE É PATRIMÔNIO?.....	34
4.2 ROTEIRO 2 - NA ESCOLA	48
4.3 ROTEIRO 3 - MÍDIA DIGITAL.....	54
4.4 ROTEIRO 4 – CRIANDO UM <i>SITE</i>	62
5 SELEÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS.....	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81

1 INTRODUÇÃO

O atual trabalho se insere na linha de pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar. Esta pesquisa tem como objetivo trabalhar a ideia de patrimônio e aprofundar a discussão a respeito da complexidade da preservação e da investigação histórica. A principal problemática é: Como preservar a memória do patrimônio escolar através da cultura digital?

O presente estudo propõe conectar o ensino de história ao patrimônio escolar. Assim como a proposta de diálogo com a história local e com o aluno ativo na construção do conhecimento histórico. Esta pesquisa aborda o patrimônio como elemento cultural, os meios digitais como suporte para sua preservação e divulgação e, ao mesmo tempo, as mídias como patrimônio construído pelas gerações atuais. Questões como de que forma os estudantes entendem o passado do espaço escolar e a conexão com o presente? Como eles se percebem nesse local? Qual será o resultado do produto final que irão desenvolver? Serão abordadas neste trabalho.

O local que eu desenvolvi o método de pesquisa foi no Colégio Ruben Berta, localizado na zona norte da capital Porto Alegre (RS), atende alunos de bairros periféricos como Vila Ipiranga, Vila Jardim, Bom Jesus e Mário Quintana. O colégio foi fundado em 08 de março de 1966, com turmas do antigo ginásio, o Ensino Fundamental I. Em 1972, o colégio passou a atender o Ensino Fundamental II. O Ensino Médio foi implementado em 1976.

A filosofia do Colégio tem como objetivo principal valorizar a pessoa, tornando-a mais crítica, criativa e responsável. Uma educação que leve o discente a formular julgamentos críticos, a buscar a informação e o conhecimento, desenvolvendo habilidades de encontrar soluções, onde seja preparado para exercer a cidadania consciente. Uma educação que abrange situações de aprendizagem que atenda aos compromissos científicos e filosóficos da escola, saber, saber fazer, ser e conviver, valorizando os conhecimentos prévios, a cultura da comunidade e proporcionando o acesso ao saber local, regional e universal da humanidade, tendo como meta o aprender a aprender.

Eu comecei a trabalhar nesta escola no ano de 2021, ainda no contexto da pandemia de covid-19. As aulas, inicialmente de forma remota, contavam com poucas participações, a justificativa era a falta de acesso a internet de banda larga. A maioria dos alunos retiravam as atividades impressas na escola. Com a volta às aulas presenciais, já no ano de 2022, pude conhecer um pouco das vivências dos meus alunos. Em 2023, assumi as turmas de ensino

médio da manhã e a vice-direção do turno da tarde. Os anos da pandemia impactaram a aprendizagem de forma geral. No ano de 2022, no Primeiro Ano do Ensino Médio, houve 29,3% de reprovações e 3,5% de abandono escolar. Para modificar esse quadro de desistências, falta de interesse e conexão com o espaço escolar, trabalhar com projetos que tenham significados para os estudantes, pode ser a chave para despertar um maior envolvimento. Projetos permitem que os alunos aprendam conceitos, ajudando na compreensão mais profunda e na transferência de conhecimento para situações práticas. Os educandos têm a oportunidade de desenvolver uma variedade de habilidades, incluindo trabalho em equipe, resolução de problemas, pensamento crítico, comunicação efetiva e pesquisa. Permitem que os alunos escolham tópicos de interesse pessoal, o que pode aumentar sua motivação intrínseca para aprender. Isso pode levar a uma participação mais ativa e a um desejo contínuo no processo de aprendizagem.

Em resumo, trabalhar com projetos na escola oferece uma abordagem educacional que vai além da memorização de fatos, incentivando a aplicação do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida. Como justifica Fernando Hernández na obra "Aprender com projetos: um desafio para o professor (1998)", segundo o autor, trabalhar com projetos não é um método, mas uma organização do trabalho didático, deve-se considerar os conteúdos, os processos de aprendizagem dos alunos e as práticas sociais em que se produz o conhecimento.

A crise econômica e o distanciamento do ambiente escolar, fizeram com que os alunos voltassem mais ansiosos e menos tolerantes com os colegas. Precisamos trabalhar continuamente as regras escolares, a paciência, a empatia, o diálogo, e em alguns casos contar com o apoio da Patrulha Escolar – Seguimento da Brigada Militar que atende as escolas – para resolver conflitos envolvendo violência, ameaça, furto, por exemplo. Este trabalho foi a oportunidade que eu tive de fazer algo inédito para mim e para eles. A pandemia nos limitou didaticamente, trabalhando textos, atividades e com uma fala reduzida a trinta minutos de vídeo aula. A capacidade de análise, estabelecimento de relações, reflexão e formação de opinião são aspectos cruciais para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Ao incentivar essas habilidades, o projeto está contribuindo para que o jovem não seja apenas um receptor passivo de informações, mas alguém capaz de pensar criticamente e aplicar seu aprendizado de maneira significativa. Nesse processo, o estudante se reconhece como sujeito e resultado do ambiente em que está inserido. Ele o transforma de modo a protagonizar ações que valorizam a cultura local da comunidade escolar, fortalecendo assim a

própria identidade. Conforme relata a estudante 1 do Ensino Médio envolvida no projeto, no trecho retirado da gravação de áudio feita na aula.

Eu acredito que temos que cuidar mais dos patrimônios históricos, pois eles fazem parte da identidade de uma sociedade, além de ser um registro fundamental para nós e nossos sucessores, mas caso sejam destruídas de alguma forma, não sou a favor da reconstrução, pois acredito que não teria o mesmo valor (Estudante 1, 2023).

Essa declaração ressalta a importância dos patrimônios históricos como elementos essenciais da identidade coletiva e como registros para as futuras gerações. A posição da aluna quanto a não reconstrução de um patrimônio destruído, reflete a ideia de que o valor de um patrimônio está intrinsecamente ligado à sua autenticidade e integridade original. Essa perspectiva está alinhada com o pensamento de que os patrimônios não são apenas objetos ou estruturas, mas representações de experiências e acontecimentos que os tornam únicos e insubstituíveis. Embora a ideia de preservar a autenticidade e a integridade original dos patrimônios seja válida, é importante considerar que a reconstrução de um patrimônio destruído pode, em certos casos, ser uma forma legítima de garantir a continuidade da memória histórica e cultural de uma comunidade. Muitas vezes, a destruição de patrimônios ocorre por motivos externos, como desastres naturais, conflitos ou negligência. Além disso, a reconstrução de patrimônios pode ser vista como um processo dinâmico, onde a intervenção humana e a adaptação ao tempo podem até enriquecer o significado e a compreensão do patrimônio, sem necessariamente comprometer seu valor simbólico. A ideia de que os patrimônios são "únicos e insubstituíveis" não significa que não possa haver formas de reinterpretação e preservação que considerem o contexto atual, sem desmerecer a sua história. Em algumas situações, a recriação de elementos patrimoniais pode até reforçar a identidade cultural de uma comunidade e a sua capacidade de resiliência diante da adversidade.

Esta escolha da temática vem de uma inquietação com a falta de identificação dos alunos com o espaço em que estudam. Além disso, precisamos nos perguntar constantemente se a comunidade escolar tem, de fato, alguma identificação com o passado deste patrimônio, sempre buscando estabelecer relação entre cidadania e patrimônio. Isso inclui a realização de atividades educacionais, visitas a museus físicos e virtuais e o uso de tecnologias digitais para visualizar e explorar virtualmente a história e a cultura da comunidade.

Da mesma forma, a proposta de construção de um *site* com as memórias da escola permite aos estudantes trabalhar na preservação da cultura escolar. A utilização de recursos digitais e a produção multimídia, possibilitam aos estudantes expressarem suas ideias e

criatividade. A pesquisa propõe a reflexão sobre o ciberespaço, destacando a importância da preservação da memória e cultura no ambiente digital. Isso é fundamental em um mundo cada vez mais tecnológico, em que as informações são facilmente perdidas ou esquecidas. A utilização ética das linguagens audiovisuais, bem como a coleta e análise de dados, são práticas essenciais para garantir a confiabilidade e precisão das informações apresentadas no blog. Trabalhar o ensino de história com a tecnologia é um desafio para os professores, principalmente para aqueles que têm a prática enraizada na forma tradicional de escrita e leitura. Como aborda Marcella Albaine Farias da Costa em sua tese de doutorado “Ensino de história e historiografia escolar digital”.

O que falta para que se alcance um nível maduro de uso da tecnologia digital no ensino de História? Por nível maduro entendo uma forma crítica que pode e deve, inclusive, estar somada às práticas não digitais que tantas vezes também enriquecem a construção de saberes escolares. Ganhar-se-ia muito se as políticas de currículo, as políticas de formação docente e as políticas – sensíveis – de escuta dos discentes remassem para o lado de construção dessa perspectiva crítica de não substituição de um meio pelo outro, mas de troca. (COSTA, 2019).

Segundo Costa (2019), para alcançar um nível maduro de uso da tecnologia digital no ensino de História, é necessário considerar vários aspectos: Políticas de currículo - as políticas educacionais devem promover a integração da tecnologia digital de forma crítica no currículo de história, reconhecendo seu potencial para enriquecer e diversificar as práticas de ensino e aprendizagem; Formação docente - os professores precisam receber formação adequada no uso crítico da tecnologia digital no ensino de história. Isso inclui desenvolver habilidades para selecionar, adaptar e avaliar recursos digitais de maneira crítica e reflexiva; Políticas de escuta dos discentes - é importante envolver os alunos na discussão sobre o uso da tecnologia digital no ensino de história, ouvindo suas opiniões, necessidades e preferências. Isso pode ajudar a orientar o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais alinhadas com as expectativas e interesses dos estudantes; Integração com práticas não digitais - é fundamental reconhecer que a tecnologia digital não deve substituir completamente as práticas não digitais no ensino de história, mas sim complementá-las e enriquecê-las.

Os professores devem buscar uma abordagem integrada que combine o uso de recursos digitais com atividades tradicionais, como leitura de fontes primárias, análise de documentos históricos e discussões em sala de aula; Desenvolvimento de uma perspectiva crítica - os alunos devem ser incentivados a desenvolver uma abordagem crítica em relação ao uso da tecnologia digital no ensino de história, questionando a veracidade das informações, avaliando a qualidade dos recursos e refletindo sobre as implicações éticas e sociais do uso da

tecnologia na construção do conhecimento histórico. Em resumo, o uso da tecnologia digital no ensino de história requer um esforço conjunto de políticas educacionais, formação docente, escuta dos discentes e integração com práticas não digitais, com o objetivo de promover uma abordagem crítica e reflexiva que valorize a complementaridade e a troca entre diferentes meios de ensino e aprendizagem.

Ao analisarem os patrimônios em diferentes contextos, os alunos são incentivados a refletir sobre a importância da preservação da cultura local, elaborando hipóteses e discutindo objetos e vestígios materiais. Essa prática contribui para o desenvolvimento do senso crítico e da valorização do patrimônio cultural. Além disso, a proposta de transformar os alunos em protagonistas da construção do *site*, permitindo que decidam quais elementos da escola devem ser preservados, faz com que os estudantes assumam um papel ativo e criativo no processo de aprendizagem. Também, a produção de gravação de áudio, fotografias e a criação do espaço virtual são recursos que possibilitam uma experiência de aprendizagem mais dinâmica e interativa, tornando o processo de ensino mais atraente, como exemplifica o estudante 2.

Eu pesquisei e achei uma frase de um filósofo dizendo que, “aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo” ou seja, para ele rever os acontecimentos passados é importante para o progresso, não se deve criar algo novo, mas considerar o que aconteceu no passado. Com base nisso eu concluí que um país sem memória é um país que nega a sua história” (Estudante 2, 2023).

A reflexão do estudante 2, destaca a importância da memória coletiva e no conhecimento acerca do passado para evitar a repetição de erros históricos e promover o progresso. Ao afirmar que “um país sem memória é um país que nega a sua história”, o educando sugere que o esquecimento ou a omissão de fatos históricos enfraquece a identidade nacional e compromete o aprendizado coletivo. Nesse sentido, estudar o passado não apenas evita que se cometam os mesmos erros, mas também fortalece a consciência histórica e cultural, tornando-se essencial para a construção de uma sociedade mais justa e informada.

Outro ponto importante é a distinção entre história e memória para que os discentes desenvolvam uma compreensão mais profunda sobre o passado e suas narrativas. Enquanto a história busca construir interpretações objetivas e com base em evidências, posicionando-se como uma ciência que investiga e analisa acontecimentos dentro de contextos, a memória atua como uma construção subjetiva, carregada de emoções e percepções individuais ou coletivas sobre o passado. Essa reflexão permite que os alunos compreendam que, ao estudarem história, eles não estão apenas revivendo memórias, mas investigando criticamente os processos que as formaram, contextualizando-as dentro de análises mais amplas. Além disso,

essa abordagem os ajuda a identificar como certos relatos e memórias podem ter sido moldados ou até mesmo distorcidos ao longo do tempo, oferecendo uma perspectiva crítica sobre o que é preservado ou esquecido pela sociedade. A conscientização sobre essa distinção possibilita aos alunos uma maior capacidade de análise e interpretação, permitindo-lhes reconhecer o papel de cada elemento na construção de uma identidade histórica mais rica e diversificada. Como sugere o estudante 3, ao responder uma atividade relacionando memória e a história:

A nossa memória tende a ajudar a gente a fazer nossa história, isso lembrando dela (...). Pois se soubéssemos escolher e selecionar o que lembramos, conseguiríamos fazer uma narrativa (..) Podemos utilizar toda informação para construção de uma história, mas o esquecimento, se utilizado de modo coerente, pode ajudar com a exclusão de fatos não relevantes e que apenas tiram o contexto da narrativa (Estudante 3, 2023).

Esse relato do educando, traz uma reflexão sobre como a memória influencia a construção da nossa história pessoal e coletiva. Ele sugere que nossa capacidade de lembrar e de esquecer é fundamental para estruturar uma narrativa coerente sobre quem somos. Ao selecionar o que recordamos e optando por deixar de lado fatos irrelevantes, conseguimos construir uma história mais significativa e coesa. Esse processo de seleção entre lembrança e esquecimento, quando usado de forma consciente, permite que criemos uma narrativa que não apenas define nossa identidade, mas também destaca aquilo que consideramos essencial. Essa percepção valoriza o papel ativo que temos em organizar nossa memória, tornando-a um instrumento para a compreensão do passado e para a criação de sentido no presente.

Jacques Le Goff na obra “História e Memória”, discute como a história é uma construção científica e como a memória, sendo fragmentada e seletiva, difere desse rigor analítico. Ele argumenta que a memória pode ser uma fonte valiosa para o historiador, mas é necessário usá-la com critérios críticos e questionadores.

A memória e a história, longe de se confundirem, entram frequentemente em conflito. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e, neste sentido, está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (LE GOFF, 2003, p. 477).

Nesta citação, Jacques Le Goff destaca a diferença fundamental entre memória e história, enfatizando o caráter dinâmico e subjetivo da memória. Ele descreve a memória como algo vivo, que é constantemente moldado e influenciado pelo contexto em que o grupo social está inserido, sendo, portanto, vulnerável a manipulações, esquecimentos e

reavivamentos ao longo do tempo. A memória, segundo Le Goff, é permeada por lembranças que podem se transformar e ser reinterpretadas, já que se trata de uma construção coletiva e emocional. Ao contrastar memória com história, o autor sugere que a história, por outro lado, busca uma abordagem mais crítica e analítica. Enquanto a memória é, muitas vezes, inconsciente de suas "deformações sucessivas", a história procura investigar essas deformações, questionando e verificando os fatos por meio de métodos e evidências.

Assim, o autor chama a atenção para o fato de que a memória, embora seja essencial para a identidade e a cultura dos grupos, não é necessariamente uma representação objetiva do passado, pois é constantemente reconfigurada pela sociedade e sujeita a interesses diversos. Essa base teórica é importante para a discussão com os alunos sobre a complexa relação entre história e memória, e como essa relação influencia nossa compreensão do passado e a construção de identidades coletivas e individuais, conforme exemplifica a estudante 4 da pesquisa.

O processo histórico depende de organização e interpretação para dar sentido aos acontecimentos e construir uma narrativa que a sociedade possa entender e aprender. O esquecimento é necessário para selecionarmos apenas o que nos é relevante e significativo (Estudante 4, 2023).

O comentário da estudante 4 destaca um aspecto central da construção histórica: a necessidade de organização e interpretação para que os acontecimentos façam sentido. Ela ressalta que o esquecimento da memória tem um papel essencial nesse processo, permitindo uma seleção cuidadosa do que realmente importa e do que contribui para uma narrativa significativa. Esse ponto de vista reforça a ideia de que a história não é apenas um acúmulo de fatos, mas uma construção que envolve a memória e suas escolhas.

Essa ideia dialoga diretamente com os estudos de Cardoso (2012), que também vê a memória como um processo seletivo e dinâmico, constantemente influenciado por contextos sociais, políticos e culturais. A história, enquanto ciência, organiza e registra esses eventos com uma abordagem mais sistemática, visando objetividade. Já a memória, ligada a identidades e experiências individuais e coletivas, é mais subjetiva, moldada por lembranças e significados que as pessoas e comunidades atribuem a fatos e objetos ao longo do tempo.

Com a passagem do tempo, surge a "história", que é a duração mutável transformada em qualidade estável. Com a passagem do tempo, surge a "permanência", que é o entorno mutável transformado em qualidade estável. Com a passagem do tempo, surge a "atenção", que é o ponto de vista mutável transformado em qualidade estável. Com a passagem do tempo, surge a "consagração", que é o discurso mutável transformado em qualidade estável. Com a passagem do tempo, surge a "memória", que é a experiência mutável transformada em qualidade estável. O que importa é

lembrar que tudo é passível de mudança no tempo – inclusive os significados que associamos a qualquer objeto (CARDOSO, 2012, p. 37).

Cardoso (2012), explora o conceito de transformação ao longo do tempo, onde aspectos efêmeros da experiência humana — como história, permanência, atenção, consagração e memória — se estabilizam em qualidades que, embora sejam percebidas como duradouras, também estão sujeitas a alterações temporais. Ele destaca a fluidez dos significados, ressaltando que as interpretações e valores associados aos objetos e experiências não são fixos, mas sim mutáveis. Essa visão nos lembra que o que consideramos como estável ou "permanente" no presente é, na realidade, moldado e remoldado pelas condições e percepções que evoluem com o tempo. Portanto, ao associar história e memória, percebemos que ambos os conceitos não se limitam a registrar ou preservar o passado tal como ele foi, mas envolvem uma "qualidade estável" que, paradoxalmente, está sempre sujeita à reinterpretação e recontextualização com o passar do tempo.

A história, na perspectiva de Montenegro (2001), busca uma análise crítica e objetiva dos acontecimentos. Diferente da memória, a história se baseia em métodos rigorosos de investigação e na análise de fontes diversas, com o intuito de compreender o passado em sua complexidade. A distinção entre memória e história, para o autor, é que embora ambas lidem com o passado, elas têm características e finalidades distintas. Para Montenegro, a memória é um fenômeno coletivo e subjetivo, profundamente enraizado nas experiências e identidades dos grupos sociais. Ela é seletiva e emocional, destacando eventos e narrativas que reforçam laços afetivos e identitários, sendo constantemente moldada pelas necessidades do presente.

Foi o fundador da psicanálise, Sigmund Freud (1914) que iniciou debates acerca da seletividade da memória. Para ele, a nossa mente não é um museu onde apenas registramos os fatos. Ao contrário disso, a memória é ativa na construção e reconstrução dos fatos, muitas vezes de forma inconsciente. A memória humana, para Freud, é um fenômeno dinâmico e profundamente conectado à psique, influenciado tanto por eventos passados quanto pelas interpretações e desejos reprimidos.

A proposta é que este trabalho fomente a exploração de novos horizontes, abrindo possibilidades presentes na educação patrimonial. As tecnologias digitais dialogam com as instituições educacionais, e a promoção e ampliação do acesso aos locais de memória é fundamental para não restringi-las ao seu espaço físico. Utilizando recursos tecnológicos, o projeto se propõe a dialogar com a história, a memória e com o patrimônio imaterial. Os objetivos a serem alcançados de forma geral com este projeto incluem: reconhecer e valorizar

patrimônios materiais e imateriais da escola; identificar e discutir os conceitos de patrimônio; preservar e divulgar a memória do colégio por meio de diferentes mídias; analisar criticamente informações e conhecer a história local; aprender a produzir um blog; estabelecer a ideia de pertencimento no local onde vivem e estudam.

2 ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

A identidade de um povo se constrói com base na memória e no reconhecimento de bens culturais, que são passados de geração em geração e conferem sentido e valor afetivo no tempo e no espaço que ocupam. A preservação e transmissão desses elementos ao longo das gerações são fundamentais para a formação da identidade coletiva, conferindo um sentido de continuidade e pertencimento. O patrimônio constitui-se de elementos materiais e imateriais, que invocam significados reconhecidos pela sociedade e caracterizam a cultura de um povo. Esses significados não apenas conectam as pessoas ao seu passado, mas também fornecem uma base para a compreensão do presente e a projeção de um futuro compartilhado. A preservação e valorização do patrimônio cultural são, portanto, não apenas uma questão de conservação do passado, mas também uma forma de fortalecer a identidade cultural de uma comunidade. Essa abordagem é essencial para promover a diversidade cultural, contribuindo para a riqueza e a vitalidade de uma sociedade ao longo do tempo. Como escreve Carmem Zeli de Vargas Gil, no artigo “Investigações em educação patrimonial e ensino de história (2015-2017)”.

Quando aproximamos educação patrimonial e o ensino de História, é fundamental problematizar a ideia de transmissão de conteúdos sobre os bens patrimoniais. Se concebemos que se trata de um processo educativo, então o foco são as pessoas e as relações com os bens patrimoniais. Assim, a educação patrimonial poderia definir-se como um conjunto de situações de aprendizagem de/para/desde/com o patrimônio (GIL, 2020).

Neste sentido, a união entre educação patrimonial e ensino de história, deve ir além da simples transmissão de conteúdos sobre os bens patrimoniais. Em vez disso, devemos entender esse processo como uma oportunidade educativa centrada nas pessoas e em suas relações com o patrimônio cultural. A ênfase nas pessoas e em suas relações com o patrimônio cultural coloca o foco na experiência e na vivência do patrimônio, em vez de apenas na sua dimensão material. Isso permite que os alunos se engajem de maneira mais significativa com o patrimônio, conectando-o com suas próprias identidades, memórias e experiências. Ao integrar a educação patrimonial de forma mais ampla ao currículo de

história, os educadores podem criar oportunidades para os alunos explorarem e compreenderem o patrimônio cultural em toda a sua complexidade. Isso inclui não apenas a história dos objetos e monumentos, mas também as histórias das pessoas que os criaram, utilizaram e preservaram ao longo do tempo. Como afirma a estudante 5 (2023): "Eu acho que os patrimônios deveriam ser preservados e restaurados, pois fazem parte da nossa história e cultura, eles dão identidade à sua cidade, significado a vida dos moradores e proporcionam qualidade de vida e educam". A reflexão da estudante 5, ressalta a importância dos patrimônios históricos como elementos fundamentais para a identidade e a cultura de uma comunidade. Ao argumentar que eles "fazem parte da nossa história e cultura" e "dão identidade à sua cidade", a aluna destaca o papel dos patrimônios não apenas como estruturas físicas, mas como símbolos que carregam memórias coletivas e fortalecem o sentido de pertencimento dos moradores. A perspectiva de que os patrimônios "proporcionam qualidade de vida e educam" reforça a ideia de que a preservação histórica não se limita a um valor estético ou turístico, mas também é uma ferramenta educativa. Patrimônios restaurados e bem conservados oferecem oportunidades para que as novas gerações aprendam sobre sua história, promovendo um entendimento mais profundo de sua cultura e identidade. Portanto, a posição da estudante ecoa um chamado à valorização dos patrimônios como recursos vitais para o desenvolvimento social e cultural, evidenciando a necessidade de políticas de preservação que considerem sua importância para a comunidade.

Além disso, identificar, preservar e divulgar o patrimônio são formas de valorizar e afirmar a identidade de um povo. Se antes do uso da tecnologia a preservação do patrimônio estava sujeito à conservação material e a perpetuação na tradição oral e escrita de seus detentores, com a facilitação do acesso às mídias digitais e novos desenvolvimentos nessa área é possível acrescentar segurança a esse processo, no sentido de manter vivo seu registro. Com o uso de recursos digitais, como fotografias, vídeos e sistemas de armazenamento de dados, é possível documentar e conservar registros de monumentos históricos, tradições culturais, artefatos antigos, entre outros elementos que fazem parte da herança cultural de um povo. Nesse sentido, a tecnologia também permite que esses registros sejam facilmente acessíveis e compartilhados com outras pessoas. Isso pode ser feito através de plataformas digitais, como websites, aplicativos e redes sociais, que permitem que pessoas de diferentes partes do mundo possam conhecer e aprender sobre a cultura de outros povos. A tecnologia deve ser vista como um complemento a essas formas de preservação, ajudando a garantir que

a herança cultural seja documentada e compartilhada de forma segura e acessível para as gerações futuras.

Segundo Michel de Certeau na obra “A escrita da História (1982)”, a operação historiográfica deve ser compreendida além dos textos, para fora deles. Ele questiona a ideia de que a escrita da história é apenas a produção de textos que relatam o passado. Em vez disso, o autor enfatiza que a história é uma prática social complexa que envolve várias dimensões. Para Certeau, a escrita da história é um processo de seleção, interpretação e representação do passado que ocorre dentro de um contexto específico. Ele destaca que os historiadores não são meros observadores neutros, mas são influenciados por suas próprias perspectivas, interesses e limitações. Eles escolhem quais eventos e narrativas incluir, interpretam os fatos de acordo com suas estruturas conceituais e comunicam suas visões por meio de textos históricos.

No entanto, Certeau argumenta que a história não se limita apenas aos textos produzidos pelos historiadores. Ele enfatiza a importância de considerar outros elementos, como práticas sociais, memórias individuais e coletivas, discursos populares, testemunhos, monumentos, artefatos e vestígios materiais. Esses elementos oferecem perspectivas complementares e muitas vezes contestam ou complementam as narrativas históricas tradicionais. Certeau propõe uma escrita da história que esteja aberta a múltiplas vozes, polifônica e sensível às complexidades do passado. Essa abordagem mais ampla permite uma compreensão mais rica e diversificada da história, levando em conta a multiplicidade de perspectivas e experiências presentes na sociedade. Desse modo, o fazer história é uma combinação de lugar social e práticas narrativas. O professor tem um laboratório vivo que é a sala de aula. Ele tem, através de recursos teórico-metodológicos, condições de desenvolver pesquisas na sua área que é o ensino de história. Não passa despercebido aos professores, o fato de que há muitas ausências na história. Podemos continuar reproduzindo as narrativas existentes ou buscar dar visibilidade a estes esquecimentos. Para isso, o professor tem que ter autonomia frente a sua prática, buscar a pesquisa como forma de combate a esses silenciamentos.

A decolonização deve ser uma (des)aprendizagem de tudo o que foi imposto e assumido pela colonização e desumanização para que homens e mulheres reaprendam a ser sujeitos de si (WALSH, 2013). A pedagogia decolonial busca decolonizar o conhecimento e a educação, questionando a hegemonia dos saberes ocidentais e valorizando outras formas de conhecimento produzidas pelas culturas colonizadas. Criar espaços de diálogo intercultural e

promover a diversidade epistemológica, levando em consideração as diferentes experiências e perspectivas, para que homens e mulheres possam se tornar sujeitos de suas próprias vidas e do conhecimento que produzem, é um processo fundamental para desfazer as estruturas coloniais e reconstruir uma sociedade mais justa e igualitária. No contexto do estudo da história, isso significa questionar as narrativas eurocêntricas que dominam a disciplina e valorizar as histórias e perspectivas dos povos colonizados.

Nesta perspectiva, um *site* com as memórias do colégio, deve dar visibilidade aos povos esquecidos como os alunos das comunidades no entorno da escola, os alunos negros, os alunos LGBTQIA+, alunos estrangeiros como venezuelanos e haitianos, e todos os outros que frequentam esse espaço.

A branquitude tem se colocado como a identidade racial do branco e uma de suas características principais é o privilégio racial. O branco crítico antirracista, por exemplo, o ativista social coloca-se contra o seu privilégio racial, entretanto, não deixa de obter vantagem por ser quem é. A construção da identidade branca antirracista é uma tarefa a ser realizada dia a dia, uma tarefa árdua enquanto o racismo persistir (CARDOSO, 2014).

A citação destaca que a branquitude é uma identidade que carrega consigo o privilégio racial. O privilégio racial se refere aos benefícios sociais, políticos e econômicos que as pessoas brancas recebem simplesmente por pertencerem à etnia branca, em oposição às pessoas não brancas. Esses privilégios podem ser sutis ou sistêmicos e estão arraigados nas estruturas sociais. Ser um branco crítico antirracista não significa que o indivíduo deixe de se beneficiar do privilégio racial. Reconhecer e lutar contra o racismo não elimina automaticamente os privilégios que uma pessoa branca possui. A construção da identidade branca antirracista é um processo contínuo e desafiador que exige um compromisso diário de autoconsciência, aprendizado, reflexão e ação. Temos a necessidade constante de enfrentar e desafiar as estruturas e os comportamentos racistas, tanto dentro de si mesmo quanto na sociedade em geral. Significa confrontar os próprios privilégios, estar disposto a ouvir e aprender com as vozes e experiências das pessoas racializadas e estar engajado em promover a justiça racial e a igualdade. A criação de um *site* que dá lugar de fala e visibilidade à etnia negra presente no colégio é uma iniciativa valiosa. Essa plataforma proporcionará um espaço onde as histórias, conquistas e desafios dessa comunidade podem ser compartilhados e apreciados. Além disso, ao fornecer visibilidade, o projeto contribui para o reconhecimento da diversidade e riqueza das experiências culturais.

A parceria da comunidade é fundamental para o desenvolvimento deste projeto. O acesso ao *site* do colégio deverá ser um complemento aos estudos, disponível a todos sem a necessidade de estar fisicamente nesse lugar. Discussões pertinentes para entender a origem desse espaço de saber é fundamental para buscar a identificação das pessoas que o frequentam com a memória local. Com a ampliação da rede mundial de computadores, a quantidade de dados gerados e disponibilizados nas redes aumenta constantemente. Nesse sentido, é necessário ter critérios para avaliar a relevância, autenticidade, e pertinência das informações que chegam até nós, promovendo o uso e a reprodução da informação com segurança e responsabilidade. Entendendo que a história é um campo atravessado por relações de poder desiguais, afirma o haitiano Michel-Rolph Trouillot:

Silêncios são inerentes à história, porque qualquer evento específico entra para a história sem algumas de suas partes constitutivas. Alguma coisa sempre é deixada de fora, enquanto alguma outra coisa é registrada. Nenhum evento se consoma perfeitamente, por mais que decidamos definir as fronteiras desse evento. Assim, o que quer que torne fato, ao fazê-lo, traz consigo suas ausências inatas, específicas de sua produção (TROUILLOT, 2016, p. 86-87).

Trouillot argumenta que os silêncios são inerentes à própria prática histórica, pois qualquer evento que seja registrado na história inevitavelmente deixa de fora algumas partes constitutivas desse evento. Assim, nenhum evento histórico pode ser completamente abarcado e representado em sua totalidade. Mesmo que tentemos definir as fronteiras e os limites de um evento, algo sempre será deixado de fora e outras coisas serão registradas e documentadas. Isso ocorre porque a construção da história é um processo seletivo, sujeito a interpretações, interesses e limitações dos historiadores e das estruturas de poder envolvidas. A ideia central é que os fatos históricos são produzidos dentro de um contexto social, político e cultural específico, e sua produção carrega consigo ausências inerentes. Essas ausências podem ser resultado de várias influências, como viés ideológico, censura, falta de fontes primárias, marginalização de determinados grupos sociais ou até mesmo omissões intencionais.

Esses silêncios históricos têm implicações significativas na construção e interpretação da história. Eles podem ocultar perspectivas alternativas, experiências subalternas e narrativas ausentes, contribuindo para uma visão parcial e limitada do passado. A compreensão crítica desses silêncios é fundamental para uma abordagem mais inclusiva e abrangente da história, que busque dar voz e visibilidade às vozes historicamente silenciadas. Já que os silêncios na história são inevitáveis e resultam das escolhas e limitações inerentes à produção do conhecimento histórico, então devemos nos lembrar que a história é uma construção

interpretativa e seletiva, e nos desafiar a buscar uma compreensão mais ampla e atenta das narrativas históricas. Essa perspectiva é essencial para questionar e desafiar as abordagens históricas que muitas vezes negligenciam ou minimizam as contribuições e experiências de grupos marginalizados.

Nesse contexto, essa pesquisa busca contribuir para a conscientização e o conhecimento acerca da diversidade cultural presente no Brasil, enfatizando a importância do patrimônio histórico sociocultural como expressão dessa pluralidade. Para Rebeca Gontijo (2009, p.63), o espaço escolar seria “um espaço privilegiado para o estudo da pluralidade, pois é considerado como lugar de convivência entre pessoas de diferentes origens, com costumes e dogmas religiosos variados, com visões de mundo das mais diversas”. Isso envolve tanto os aspectos materiais, como construções arquitetônicas, monumentos e objetos, quanto os aspectos imateriais, como tradições, festas, mitos, lendas, danças, músicas, entre outros elementos que compõem a cultura brasileira.

Este trabalho contribui para a formação de uma consciência crítica e respeitosa em relação às diferenças culturais, promovendo o diálogo, a tolerância e a valorização da diversidade. Além disso, ao explorar as múltiplas manifestações culturais, a pesquisa proporciona uma experiência enriquecedora para os estudantes, ampliando seus horizontes e estimulando a sua identidade cultural. Entender que o patrimônio histórico sociocultural brasileiro é repleto de múltiplas manifestações de natureza material e imaterial é um dos objetivos desta pesquisa.

A abordagem de Zygmunt Bauman (2005) sobre a liquidez da identidade é muito pertinente para compreender as dinâmicas contemporâneas, especialmente em um contexto globalizado e marcado por movimentos migratórios significativos. Bauman destaca a impossibilidade de um sujeito alcançar uma identidade única e homogênea, enfatizando a fluidez das estruturas no mundo líquido-moderno. A crítica de Bauman ao conceito de identidade ligado à ideia de pertencimento local é especialmente relevante diante da realidade de milhões de imigrantes e refugiados. A noção de identidade como algo sólido e garantido para toda a vida é desafiada, e Bauman sugere que as identidades tornam-se mais flexíveis, sujeitas a reavaliações e reconstruções constantes. Essa perspectiva de Bauman sobre a liquidez da identidade tem implicações significativas para a compreensão da pluralidade cultural e do patrimônio sociocultural. Ao reconhecer a fluidez das identidades individuais e coletivas, torna-se fundamental valorizar a diversidade cultural e promover o respeito às diferentes formas de ser e pertencer. Isso implica em abandonar noções rígidas e exclusivistas

de identidade, abrindo espaço para a coexistência de múltiplas identidades e para o diálogo intercultural.

Além do mais, a identidade é construída a partir das propriedades que tornam as pessoas diferentes umas das outras. A relação entre identidade e alteridade, onde o eu pressupõe a noção do outro, é fundamental para compreendermos como as identidades são formadas em um contexto relacional. Em seu livro “Identidade e Diferença (2004)”, Kathryn Woodward explora conceitos fundamentais sobre a construção das identidades e a maneira como as diferenças são social e culturalmente construídas. Woodward analisa como as identidades são formadas através de processos de inclusão e exclusão, muitas vezes baseados em distinções como etnia, gênero, classe social e sexualidade. Ela destaca que essas identidades são, na verdade, construções sociais e culturais, em constante processo de negociação e reinterpretação. Woodward também discute como o "outro" é frequentemente definido e categorizado em oposição a uma identidade normativa, o que fortalece estereótipos e reforça desigualdades. Ao entender esses processos, é possível questionar estruturas de poder que marginalizam certos grupos.

David Lowenthal (1985), explora a ideia de que o passado é uma construção que reflete tanto as lembranças individuais quanto as coletivas, influenciando nossa identidade cultural e pessoal. Ele argumenta que nossa relação com o passado é complexa e muitas vezes seletiva; lembramos e preservamos certos eventos enquanto esquecemos ou reinterpretemos outros, o que constrói uma identidade adaptada às necessidades e valores do presente. Lowenthal também discute como a memória coletiva pode ser manipulada, recontada e até romantizada para criar uma imagem do passado que sustente ideologias, valores e identidades culturais. Ele sugere que a memória, sendo flexível e sujeita a reinterpretações, serve como um recurso que as sociedades usam para consolidar suas identidades e fortalecer vínculos. No entanto, o autor alerta que essa relação idealizada com o passado pode levar à perda de uma visão crítica da história, onde as memórias são tratadas como verdades fixas e imutáveis.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs ficou conhecido por seu trabalho pioneiro sobre a memória coletiva. Em “La Mémoire Collective (1950)”, uma de suas obras mais influentes, Halbwachs argumenta que lembranças individuais são moldadas e sustentadas por referências sociais e culturais. Ele defende que nossas memórias pessoais se organizam e ganham sentido dentro de uma estrutura social, com grupos que validam ou influenciam o que e como recordamos. Dessa forma, a memória coletiva cria uma continuidade histórica e cultural, permitindo que uma sociedade compartilhe um passado comum que reforça sua

identidade e coesão. Para Halbwachs, a memória coletiva também atua na preservação da identidade dos grupos e é adaptável, podendo ser reinterpretada ao longo do tempo para se ajustar a novas condições e valores. Suas ideias são fundamentais nos estudos sobre a relação entre memória, identidade e sociedade.

Em seu livro “Como se Escreve a História (1971)”, Paul Veyne explora a ideia de que tanto a história quanto a memória envolvem escolhas subjetivas sobre o que lembrar e o que esquecer. Ele afirma que a memória coletiva é moldada pelo presente e pelas questões políticas e culturais de cada sociedade, sendo fundamental para a formação de identidades coletivas e individuais. A memória, segundo Veyne, não é apenas um repositório passivo de informações, mas um campo de disputa e interpretação, onde o passado é constantemente recriado e atualizado para servir ao presente. Essa visão crítica da memória contribui para a compreensão das práticas históricas e dos processos de construção de identidade, mostrando como as narrativas sobre o passado podem ser influenciadas por interesses atuais.

A ideia de que os sujeitos escolares ressignificam suas identidades à medida que estabelecem relações com colegas de diferentes origens e culturas é crucial. Isso reflete a dinâmica da construção identitária, que é moldada pelas interações e experiências vivenciadas em contextos sociais diversos. A escola, como espaço de convivência e aprendizado, desempenha um papel importante nesse processo. Este projeto busca compreender e reconhecer a pluralidade de identidades e a liquidez das estruturas sociais. Ao explorar as múltiplas manifestações culturais presentes na escola, o trabalho contribui para uma compreensão mais aberta e inclusiva das identidades, promovendo o diálogo e a valorização das diferenças.

Entender que estamos imersos na colonialidade é o primeiro passo para a sua desconstrução. O modelo católico de colonização, a dominação sofrida pelos indígenas, a instituição da escravidão, a ideologia da mestiçagem e o desenvolvimento do capitalismo, assim como a ideia de que convivemos bem com a diversidade, são interpretações eurocêntricas. Enfatizar as resistências a essa ideologia pelo povo brasileiro é um dos caminhos para decolonizar o ensino de história. Conforme explica Quijano (2005, p.234), desde sempre houve uma associação do trabalho não pago com as raças dominadas porque as consideravam inferiores. A história colonial justifica a escravização pela falta de mão de obra para o desenvolvimento desse novo território. Segundo Quijano, essa associação tem suas raízes na concepção de que as raças consideradas inferiores eram destinadas a desempenhar trabalhos não remunerados, enquanto as raças consideradas superiores exerciam trabalhos

valorizados e remunerados.

Quijano argumenta que essa associação entre trabalho não remunerado e raças dominadas foi um elemento central na construção do sistema colonial e na perpetuação das desigualdades sociais, econômicas e raciais ao longo da história. Essa estrutura colonial estabeleceu hierarquias sociais baseadas em noções de raça e contribuiu para a criação de um sistema de exploração e opressão que se estendeu por séculos. Ao abordar essa associação histórica, Quijano busca desvelar as bases do sistema de poder colonial e evidenciar a forma como as desigualdades raciais e sociais foram perpetuadas ao longo do tempo. Sua análise visa desafiar a ideia de inferioridade racial e questionar as estruturas de poder que sustentam essa associação entre raça e trabalho não remunerado.

O catolicismo promoveu um genocídio cultural, a luta quilombola enfrentou e resistiu à escravização, os povos originários combateram o colonizador e ainda hoje se mobilizam para garantir direitos fundamentais. Como afirma Antônio Bispo dos Santos em sua obra “Colonização, quilombos: modos e significados”.

O estranho é que a escola sempre se refere a esses povos apenas como negros e índios, desconsiderando as suas diversas autodenominações e ocultando a relação colonialista por detrás de tais denominações. Isso porque para os cristãos é necessário justificar que essas pessoas são apenas “coisas”, que elas não tem alma e que por isso, delas podem se utilizar como bem quiserem (SANTOS, 2015, pág. 29).

É importante reconhecer que a forma como os povos indígenas e afrodescendentes são historicamente referidos e representados na escola pode refletir um viés eurocêntrico e colonialista. Muitas vezes, as denominações atribuídas a esses grupos são simplificadas, generalizadas e descontextualizadas, o que pode contribuir para a perpetuação de estereótipos e preconceitos. Para uma educação mais inclusiva e respeitosa, é essencial promover uma abordagem que valorize as múltiplas identidades e a diversidade cultural, desconstruindo estereótipos e preconceitos. Isso implica em reconhecer as autodenominações dos povos indígenas, respeitar a diversidade afrodescendente e, ao mesmo tempo, analisar criticamente as relações coloniais e suas repercussões no presente.

De igual forma, a escola desempenha um papel fundamental nesse processo, ao promover uma educação intercultural que valorize todas as formas de conhecimento e identidade. Ao desconstruir a colonialidade, é possível abrir espaço para o diálogo e a construção de relações mais justas e equitativas. A educação e o ensino de história são áreas importantes para este processo, pois podem ajudar a desafiar as narrativas hegemônicas e a promover um entendimento mais crítico e reflexivo do mundo. A ideia de fazer este trabalho

vem da necessidade de entender que diferentes culturas fazem parte do cotidiano escolar e conhecer histórias do passado e do presente é garantir o direito à memória e a representatividade. O *site* da escola terá informações sobre lugares de memória do espaço, além de dar visibilidade aos diferentes grupos que fazem parte dessa história.

Com o objetivo de reconhecer as histórias do espaço escolar ao longo dos anos, e entender por que personagens brancos são homenageados dando nome as instituições em detrimento de figuras negras, essa discussão sobre a escolha do patrono da escola é uma oportunidade de construir uma identidade antirracista. Entender o privilégio branco em diferentes espaços e tempos, como já denunciava a autora Lélia Gonzalez na época da ditadura militar, e que permanece com poucas alterações nos dias de hoje.

Outro grande escoadouro de mão-de-obra barata foi a prestação de serviço. Também ali encontramos o trabalhador negro fortemente representado, sobretudo em atividades menos qualificadas como limpeza urbana, serviços domésticos, correios, segurança, transportes urbanos, etc. (GONZALEZ, 1982, p.14).

Essa representatividade do trabalhador negro nessas ocupações remonta a uma história de desigualdade e marginalização. Durante períodos de escravidão e após a abolição, os negros muitas vezes foram relegados a trabalhos que ofereciam baixos salários, poucas oportunidades de progresso e condições de trabalho precárias. Essa realidade reflete a persistência de estruturas sociais e econômicas que perpetuam desigualdades raciais. A concentração de trabalhadores negros em atividades menos qualificadas também está ligada a outros fatores, como a falta de acesso igualitário à educação e oportunidades de emprego. A discriminação e o racismo estrutural têm sido obstáculos significativos para o avanço social e profissional dos negros, limitando suas opções de carreira e contribuindo para a segregação ocupacional.

É fundamental reconhecer essas desigualdades históricas e estruturais e trabalhar em prol de uma sociedade mais justa e equitativa. Isso implica em combater o racismo e promover políticas públicas que incentivem a igualdade de oportunidades, a diversidade e a inclusão nos diferentes setores da economia. Além disso, é importante valorizar e respeitar a contribuição dos trabalhadores negros em todas as áreas, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento social e econômico do país. Construir um blog em uma perspectiva decolonial é fundamental para a compreensão de que não existe uma cultura superior a outra.

A reflexão sobre a relação entre patrimônio, memória e história, especialmente nas sociedades ocidentais, é fundamental, como destacado por Pinto (2011). A forma como essa

relação é percebida pode influenciar se a perspectiva será mais fechada, exclusivista e monumentalista, ou mais aberta, inclusiva e historicizada. Os resultados do estudo de Pinto indicam que as concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente são moldadas por diversos fatores, como a educação recebida, experiências pessoais e a influência da mídia. Esses elementos influenciam a construção da narrativa histórica e a interpretação do patrimônio cultural. Através da educação, é possível proporcionar uma compreensão mais abrangente e crítica do patrimônio e da história. Isso não apenas estimula a valorização da diversidade, mas também promove a inclusão de diferentes perspectivas, enriquecendo a narrativa histórica com uma visão mais completa e equitativa. Buscando explicar como o presente afeta a nossa relação com a história, Araujo no artigo “A aula como desafio à experiência da história”, afirma:

Dito de outra forma, não podemos apenas ensinar a nossos alunos como dar sentido ao mundo ou como desvelar os sentidos que o mundo comporta, mas também que eles devem estar preparados para enfrentar o reverso do sentido, a tragédia, a injustiça, o horror como partes integrantes de nossa condição. Assim, não bastam apelos à lembrança, ao sentido, à identidade e à narrativa como forma da condição traumática de nosso tempo. Qualquer tentativa de excluir o trauma da história humana é uma forma de alienação e, como tal, contém um perigo (ARAUJO, pg.9).

Portanto, a reflexão proposta destaca a importância de abordar o trauma e o sofrimento em nossa compreensão da história e da condição humana. Isso implica reconhecer que a história não é apenas feita de momentos grandiosos e positivos, mas também de tragédias e injustiças que devem ser confrontadas e compreendidas para evitar a alienação e promover uma visão mais abrangente e crítica da realidade. Para além de aulas lúdicas e narrativas superficiais, é necessário envolver o aluno na construção do conhecimento, disponibilizar documentos, fotos, vídeos de época e demais fontes históricas e estimular que ele faça a sua própria pesquisa, é torná-lo ativo e protagonista neste trabalho.

O trabalho pedagógico com o patrimônio, especialmente o escolar, pode trazer diversas contribuições para o ensino de história. Algumas delas incluem: Valorização do patrimônio, ao utilizá-lo como fonte de estudo, os alunos podem desenvolver um senso de pertencimento e valorização da história local e nacional; Aprendizado prático, a utilização do patrimônio escolar como objeto de estudo permite que os estudantes tenham um aprendizado mais concreto, podendo analisar documentos, fotos, objetos e edifícios que remetem a períodos históricos específicos; Desenvolvimento de habilidades, o trabalho com o patrimônio também permite o desenvolvimento de observação, análise crítica, pesquisa, seleção e interpretação de informações, entre outras; Interação com a comunidade, a utilização do patrimônio escolar

como objeto de estudo também pode promover uma maior interação entre a escola e a comunidade local, contribuindo para a formação de um senso de pertencimento; Consciência patrimonial, ou seja, uma preocupação com a preservação do patrimônio histórico e cultural. Como afirma um estudante envolvido nesta pesquisa: “Na minha opinião os patrimônios devem ser preservados pois representam a época de onde vem e como as coisas eram nessa época” (Estudante 6, 2023). A frase expressa a importância da preservação dos patrimônios como forma de conectar o presente com o passado. Essa preservação não apenas guarda objetos antigos, mas também permite que as gerações futuras conheçam e aprendam sobre a história e as transformações pelas quais a sociedade passou.

Também é um importante recurso metodológico para o ensino de história, a educação patrimonial, pois permite aos alunos conhecer e compreender a história de sua comunidade e do seu país por meio de elementos materiais e imateriais que fazem parte do seu patrimônio cultural. Outra contribuição é o estímulo à sua preservação, ao aprender sobre a história e a importância do patrimônio cultural, os alunos se tornam mais conscientes e críticos, como relata a aluna: “Eu acredito que temos que cuidar mais dos patrimônios históricos, pois eles fazem parte da identidade de uma sociedade, além de ser um registro fundamental para nós e nossos sucessores” (Estudante 7, 2023). Segundo ela, esses patrimônios não apenas representam um legado cultural, mas também servem como um registro essencial para as gerações futuras, destacando a responsabilidade de cuidar desses bens como forma de manter vivas as histórias e tradições de uma sociedade.

Uma proposta interessante nesta área, que serviu de inspiração para esta pesquisa, é o trabalho desenvolvido pela professora Adriana de Souza Quadros, descrito na sua dissertação de mestrado do Profhistória (2016), que consiste em utilizar o patrimônio escolar como uma forma de ensinar história aos alunos do 6º ano do ensino fundamental, promovendo assim, uma reflexão sobre a história da própria escola e, conseqüentemente, sobre a história da comunidade onde estão inseridos. Além de realizar atividades que exploram o patrimônio escolar, como objetos, fotos, documentos e histórias orais de ex-alunos e professores, os alunos são incentivados também, a investigar a história da escola, desde a sua fundação até os dias atuais, identificando mudanças, permanências e aspectos que foram relevantes para a história da comunidade. Em suma, a proposta da autora é uma forma interessante e envolvente de ensinar história utilizando o patrimônio escolar como recurso pedagógico.

3 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

O trabalho de pesquisa propõe que os estudantes interajam com o mundo de uma perspectiva ampla, para além do senso comum. Dessa forma, os estudantes são convidados a realizar operações historiográficas e problematizar questões que estimulam a curiosidade, aprofundando-se no processo de construção do conhecimento. Para complementar os estudos, visitas aos museus virtuais e a um museu físico, oferece recursos para estimular a reflexão acerca de acervos variados e análises críticas das informações. Além disso, a visita aos museus é um importante estímulo para a reflexão sobre as narrativas históricas dominantes, bem como para a produção de novas narrativas a partir de perspectivas e experiências diversas. Ulpiano Meneses (1994) aborda uma preocupação relevante sobre o papel do museu na produção do conhecimento histórico e destaca a importância do diálogo entre o Ensino de História e os museus. Essa reflexão ressalta a relevância de integrar as instituições de ensino com os espaços museológicos, reconhecendo o potencial desses locais como ferramentas educacionais.

Estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada “cultura material” participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, são não apenas produtos mas vetores de relações sociais. Que percepção temos desses mecanismos? Não se trata, apenas, portanto, de identificar quadros materiais de vida, listando de objetos móveis, passando por estruturas, espaços e configurações naturais, até obras de arte. Trata-se, isto sim, de entender o complexo da apropriação social de segmentos da natureza física (MENESES, 1994, p.12).

O autor destaca que o museu pode contribuir para a formação de um pensamento histórico crítico, proporcionando aos visitantes a oportunidade de analisar objetos, documentos e outros materiais que remetem a diferentes períodos históricos. Além disso, a cultura material não se limita a uma lista de objetos ou obras de arte. Envolve entender como esses objetos são produzidos, utilizados, trocados, valorizados e incorporados nas práticas e relações sociais. É por meio desse entendimento que podemos compreender a dinâmica mais profunda da cultura material e seu papel na construção e transformação da sociedade. Essa perspectiva nos convida a olhar para além do aspecto superficial dos objetos e reconhecer as relações sociais, os valores, as crenças e as práticas que estão associados a eles. Compreender a cultura material de forma mais ampla e complexa nos permite ter uma visão mais rica e abrangente da sociedade em que vivemos.

Este trabalho de pesquisa possibilitou o desenvolvimento das competências gerais da Educação Básica 4, 5 e 7. A relação com a Competência Geral 4 da BNCC (Base Nacional

Comum Curricular) é bem estabelecida nesse trabalho, pois ela se refere à comunicação. Essa competência incentiva o desenvolvimento da capacidade de expressar-se e interpretar mensagens de maneira clara, considerando as opiniões dos outros e argumentando de forma colaborativa. As atividades de pesquisa que envolvem a escuta e o diálogo com membros da comunidade, bem como a interação com objetos e fontes históricas, ajudam os alunos a aprimorarem sua habilidade de ouvir e responder criticamente.

A competência geral 5 que envolve a cultura digital, é trabalhada por meio da reflexão sobre a função do ciberespaço na preservação da cultura. O resultado é a criação do blog de memórias. Esta competência está relacionada à capacidade dos alunos de compreenderem o papel da tecnologia na educação e utilizá-la de maneira criativa, responsável e ética. A pesquisa incluiu o uso de ferramentas digitais para coleta de dados, criação de textos e gravação de voz, promovendo o desenvolvimento de habilidades essenciais na cultura digital, como o uso responsável das tecnologias, a busca e avaliação crítica das informações, a produção e compartilhamento de conteúdos digitais, além da resolução de problemas com as ferramentas digitais. Essas habilidades visam preparar os estudantes para um mundo cada vez mais digital, ajudando-os a navegar e contribuir positivamente no ambiente virtual e a exercer sua cidadania de forma responsável.

Por fim, a competência geral 7 está relacionada à capacidade dos alunos de argumentar e debater sobre diferentes pontos de vista. Ao discutir o conceito de patrimônio na era digital e confrontar diferentes perspectivas, os alunos estão aprendendo a desenvolver habilidades importantes, como a capacidade de formular e sustentar uma posição. As observações de imagens e monumentos, o repertório histórico apresentado e as atividades propostas possibilitam a aquisição de informações que são trabalhadas em debates, norteados ou não por questões analíticas. Ao expor as opiniões formadas pelos conhecimentos prévios e pelos dados percebidos pelas leituras, os estudantes trabalham a argumentação. Em resumo, esse trabalho de pesquisa é uma excelente oportunidade para os alunos desenvolverem habilidades em diferentes áreas, como comunicação, tecnologia e argumentação, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Durante o trabalho, o estudante reflete sobre a definição de patrimônio explorando seu sentido material e imaterial, desenvolvendo assim a competência específica 1 das ciências humanas e sociais aplicadas, ao valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos, posicionando-se a respeito dos diferentes processos que os envolvem. Conforme argumenta a estudante: “Pode que assim como queremos preservar os patrimônios, uns não

dão a mínima importância a esses, mas devemos informar a história que eles podem transmitir, a cultura ou fato histórico” (Estudante 7, 2023). A reflexão da discente, aponta para a diversidade de percepções sobre a preservação do patrimônio histórico. Ela observa que, embora alguns possam não valorizar esses bens, é fundamental comunicar o significado histórico e cultural que eles carregam.

Já a competência específica 6 se relaciona com a capacidade de promover o protagonismo e a participação da comunidade em projetos de pesquisa e produção de conhecimento. Isso implica em desenvolver habilidades para realizar investigações de campo, sistematizar dados e promover o debate na comunidade, a fim de identificar e valorizar elementos representativos da cultura local. Nesse sentido, a utilização de tecnologias digitais pode ser uma excelente estratégia para ampliar a participação da comunidade, facilitar o acesso aos dados e promover a colaboração entre os membros do grupo.

Além disso, a pesquisa oferece subsídios para o estudante analisar as relações de patrimônio e cultura em diferentes contextos e como essas relações consolidam e transformam as sociedades. A construção do produto final, o *site* de memórias da escola, propõe soluções coletivas para a preservação digital desse espaço patrimonial. O eixo estruturante do projeto é a investigação histórica, por meio da curiosidade pelos processos e fenômenos que os cercam, os estudantes serão instigados a investigar a realidade, elaborando e testando a partir das fontes.

A proposta de trabalho instiga a realização de pesquisas, debates e outras atividades que ajudam os estudantes a relacionar habilidades e competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas com competências e habilidades de outras áreas como Linguagens e suas Tecnologias. A competência específica 7 das Linguagens e suas Tecnologias envolve o desenvolvimento da capacidade de utilizar as tecnologias digitais de forma ética, crítica e criativa, bem como de compreender as interfaces técnicas presentes nesses dispositivos. Essa competência se relaciona diretamente com a proposta de trabalho apresentada, uma vez que ela incentiva os estudantes a explorarem o uso de tecnologias digitais na produção de um *site* de memórias. Ao utilizarem tecnologias digitais, como por exemplo, aplicativos, softwares de edição de vídeo e de imagem, os estudantes desenvolvem habilidades técnicas, como a utilização de interfaces e ferramentas, além de habilidades de organização e planejamento para produzir conteúdos de qualidade. Além disso, a utilização de tecnologias digitais também possibilita o desenvolvimento da habilidade de produção de conteúdo multimídia, que pode ser explorada em diversas áreas do conhecimento.

É importante destacar que, ao utilizar as tecnologias digitais, os estudantes também precisam ser conscientes do seu uso ético e crítico. Isso significa que eles devem compreender os impactos sociais, ambientais e culturais de suas produções, bem como os aspectos de privacidade, segurança e propriedade intelectual envolvidos no uso de tecnologias digitais. Dessa forma, a proposta de trabalho apresentada incentiva a interdisciplinaridade entre Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias, ao envolver os estudantes na produção de conteúdos digitais de forma ética, além de promover o desenvolvimento de habilidades técnicas e de comunicação. A habilidade de comunicação ocorre de maneira integrada nesse trabalho ao engajar os estudantes em atividades que requerem a articulação e expressão de suas ideias, tanto oralmente quanto por escrito, adaptando a sua linguagem tanto coloquial quanto formal. Ao produzir a gravação de áudio sobre reconstrução de patrimônios históricos, os estudantes desenvolveram a habilidade de comunicar informações de maneira clara e objetiva. Esse processo exigiu a seleção cuidadosa de palavras e expressões que melhor transmitiriam a mensagem, considerando o público-alvo, professores, alunos e a comunidade escolar em geral. Como o exemplo abaixo retirado do áudio.

É claro que os arquitetos sempre tentam deixar as estruturas o mais agradável possível aos olhos, mas de maneira geral as estruturas não precisam necessariamente serem bonitas, e assim, o mais eficiente possível. Todavia, também acho que estruturas muito antigas como o Coliseu precisam de pequenas reformas para que não se despedacem ao longo dos séculos. Essa discussão é bem interessante, o que me engaja a pensar mais sobre o assunto, só que infelizmente não é assim com todo mundo” (Estudante 8, 2023).

Este estudante da pesquisa, observa que, embora a eficiência seja essencial nas construções, monumentos antigos necessitam de manutenção para resistir ao tempo, evitando sua deterioração. Ele expressa interesse pelo tema da preservação, mas também reconhece que nem todos compartilham dessa motivação, o que aponta para o desafio de engajar a sociedade na valorização e cuidado do patrimônio histórico.

Desse modo, à medida que o jovem no novo ensino médio precisa fazer escolhas com base em suas aptidões, vontades e realidade, se torna necessário aos professores, propor soluções acessíveis e sustentáveis. A construção e o uso do *site*, é um exemplo de como os estudantes protagonizam uma intervenção efetiva na preservação da memória através da investigação histórica no espaço escolar. Nestas aulas, em que os temas patrimônio, memória e história são interligados, os estudantes trabalharão conceitos presentes em competências e habilidades da BNCC, como cultura e cidadania, identificando e analisando seus processos em diferentes contextos históricos e geográficos para assim refletir sobre a sociedade atual.

Com base nesse conhecimento, eles deverão analisar um problema real – a preservação do patrimônio que ocupam – e, utilizando o pensamento criativo, propor uma solução para a comunidade escolar. Portanto, o estudo do patrimônio pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e comprometidos com a preservação da memória e da cultura de sua comunidade.

Com o propósito de avaliar e aperfeiçoar a pesquisa, foram promovidas dinâmicas de reflexão e o acompanhamento de todo o processo, propondo sempre novas questões e estimulando os estudantes com novos desafios. A autoavaliação é o momento que o estudante participa, de forma ativa, do processo de aprendizagem, pois tem em mãos a oportunidade de analisar seu percurso e avaliar as escolhas feitas durante o processo, refletindo sobre seu desempenho, seu progresso, suas atitudes e seu comportamento diante dos professores e colegas. A autoavaliação serve, assim, como instrumento de autorregulação de seus próprios processos de aprendizagem e pensamento. A avaliação da professora com a autoavaliação dos alunos, são sistematizadas e registradas em planilhas para a nota final do trabalho desenvolvido por eles. Uma avaliação plena requer que o educando atinja as seguintes habilidades: Estar apto e ter clareza da maioria dos tópicos abordados; realizar quase todas as tarefas; O produto criado deve corresponder a grande parte das exigências; desenvolver habilidades de argumentação, comunicação e cultura digital; compreender o conceito de patrimônio e sua abrangência; reconhecer a cultura digital como um patrimônio da sua geração; ser capaz de relacionar a memória com a constituição da identidade de um povo.

O produto final foi organizado para durar até três semestres, iniciando em março e abril, com a introdução aos temas, e seguindo no mês de maio, junho e julho, com o desenvolvimento teórico da pesquisa, e o trabalho prático, nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro do ano de 2023. No ano de 2024, nos meses de março e abril, o desenvolvimento do *site*. Seguindo as etapas nesta ordem: Trabalhar com os conceitos de patrimônio material e imaterial; visitação de museus virtuais e físicos; coleta de fotografias, entrevistas e escaneamento de documentos escolares de época; gravação de áudio sobre reconstrução patrimonial; criação do *site* de memória.

4 PRÁTICA NA SALA DE AULA

A proposta foi desenvolvida no Colégio Ruben Berta com duas turmas do 1º ano do Ensino Médio nas disciplinas de história e cultura e tecnologias digitais, às quais eu sou a professora titular. O projeto foi organizado em quatro roteiros: Roteiro 1 - O que é

Patrimônio; Roteiro 2 - Na escola; Roteiro 3 - Mídia Digital; Roteiro 4 - Criando um *site*.

O primeiro roteiro teve como objetivo definir o que é considerado patrimônio cultural. O segundo roteiro se concentrou nas atividades que os alunos realizaram de coleta de informações, entrevistas, fotografias e história da escola. Enquanto o terceiro roteiro envolveu o uso de mídias digitais para explorar, conhecer e desenvolver habilidades críticas sobre rede de informação. Finalizando no roteiro quatro, o objetivo foi criar o *site* com as memórias do colégio, selecionadas pelos estudantes.

4.1 ROTEIRO 1 - O QUE É PATRIMÔNIO?

Na aula de abertura do projeto, utilizamos a sala de projeção onde os alunos puderam observar imagens do incêndio no Museu Nacional e debater três questões disparadoras: O que esse incêndio representa para a história nacional? De que forma a tecnologia da informação pode preservar a história de um lugar? Como identificar e preservar elementos que representam a história do lugar onde vivem?

Os estudantes relacionaram o incêndio do Museu Nacional à perda de um importante acervo para o Brasil e o mundo, pois destruiu um acervo de inestimável valor que preservava informações sobre a nossa formação cultural, social, científica e antropológica. Esse evento expôs a falta de investimentos adequados na preservação de bens culturais e mostrou a vulnerabilidade do patrimônio histórico brasileiro, gerando uma grande comoção e conscientização sobre a necessidade de políticas mais robustas de preservação.

Reforcei a diferença entre observar um patrimônio virtualmente e ir ao local pessoalmente, enfatizando também que a digitalização do patrimônio é um complemento do patrimônio físico e jamais o substituirá. As respostas dos alunos citavam a tecnologia da informação para a preservação da história de um lugar por meio da digitalização de documentos, fotos, objetos e até mesmo ambientes completos. Como exemplos mencionam: Museus virtuais, bancos de dados digitais e arquivos acessíveis online, que permitem que informações sejam armazenadas e consultadas de qualquer lugar, reduzindo o risco de perda física e aumentando a acessibilidade para o público. A tecnologia também pode viabilizar reconstruções virtuais de ambientes e objetos históricos, garantindo que futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento, mesmo que o patrimônio físico seja danificado ou perdido.

Sugeri aos alunos que pensassem em um patrimônio cultural do bairro, cidade, ou

estado para dar como exemplo e de que forma poderiam preservá-lo, estimulando, assim, a criatividade dos alunos na busca de soluções para a preservação do patrimônio cultural. Para identificar elementos históricos do local onde vivem, abordei a observação do que faz parte da memória coletiva, como prédios antigos, monumentos, festividades locais, costumes e práticas culturais. Algumas respostas citavam a preservação desses elementos através de determinadas ações: conscientização e educação patrimonial, criação de registros visuais e documentais (incluindo fotografias e descrições), utilização de tecnologias digitais para criar um acervo acessível e iniciativas para restaurar e manter os locais históricos em bom estado. A participação da comunidade e a colaboração com organizações culturais e educativas também são fundamentais para garantir a preservação e o reconhecimento desse patrimônio. Além disso, os exemplos abordados foram: O Mercado Público de Porto Alegre (inaugurado em 1869), a Catedral Metropolitana (concluída em 1986), a sede do poder executivo do Estado do Rio Grande do Sul - Palácio Piratini (Inaugurado em 1921), entre outros patrimônios.

Seguindo com o roteiro do projeto, passei no quadro a definição de patrimônio cultural material e imaterial, e o uso da tecnologia como suporte para a preservação da memória, utilizando três autores para a escrita e discutindo as abordagens abaixo selecionadas.

Geralmente quando pensamos em patrimônio, temos a tendência de associá-lo somente ao patrimônio material, ligado à riqueza, que são herdados ou que possuem algum valor afetivo (...). Refere-se também, aos bens produzidos por nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais. (ROCHA, 2012, p.18).

A autora aborda a tendência de associarmos o patrimônio, principalmente ao patrimônio material, no entanto, é importante destacar que o conceito de patrimônio é mais amplo e abrange outras dimensões além do aspecto físico. O patrimônio pode ser definido como um conjunto de elementos culturais, naturais, materiais e imateriais, que são considerados valiosos e significativos para uma determinada comunidade, sociedade ou até mesmo para a humanidade como um todo. Ele inclui tanto os bens tangíveis, como monumentos históricos, obras de arte, edifícios antigos, objetos históricos, entre outros, como os bens intangíveis, como tradições orais, práticas culturais, conhecimentos tradicionais, celebrações e festas, danças e músicas típicas, e outros aspectos imateriais de uma cultura. Além disso, o patrimônio também pode abranger elementos naturais de valor histórico, científico ou cultural, como áreas de preservação ambiental, sítios arqueológicos, paisagens naturais notáveis, entre outros.

A internet é um meio que poderá conduzir-nos a uma crescente homogeneização da cultura de forma geral e é, ainda, um canal de construção do conhecimento a partir da transformação das informações pelos alunos e professores. As redes eletrônicas estão estabelecendo novas formas de comunicação e de interação onde a troca de ideias grupais, essencialmente interativas, não leva em consideração as distâncias físicas e temporais. A vantagem é que as redes trabalham com grande volume de armazenamento de dados e transportam grandes quantidades de informação em qualquer tempo e espaço e em diferentes formatos (CARMO, 2017, p.157).

O autor alerta que a internet tornou possível o acesso a conteúdos culturais de diferentes partes do mundo. Isso pode levar a uma homogeneização cultural, onde aspectos culturais de várias regiões podem se mesclar, resultando em uma perda gradual de algumas características culturais únicas. Paralelo a isto, a internet também é uma vasta fonte de informações e conhecimentos, permitindo que alunos e professores acessem diversos recursos para aprimorar seus estudos e ensino. Ela facilita a pesquisa, o acesso a materiais educacionais e a troca de informações em tempo real. Além disso, as redes eletrônicas (redes sociais, fóruns, salas de bate-papo, etc.) mudaram a maneira como nos comunicamos e interagimos uns com os outros. Agora é possível se conectar com pessoas de todo o mundo e participar de discussões, colaborações e projetos em conjunto.

O patrimônio cultural se configura, quando se observa a evolução histórica do conceito, como uma construção política (...). A própria identificação dos bens que adentram a categoria do patrimônio cultural não tem sido feita, necessariamente, pelas comunidades a que tais bens advêm, mas sim pelos órgãos técnicos do governo. Observa-se, em um contexto de cibercultura, onde a vida social é permeada pela tecnologia, que as comunidades estão se mobilizando na internet em torno de causas patrimoniais, adentrando as discussões, fazendo com que a institucionalização de bens de memória e identidade não fiquem restritas ao poder organizado (ALBERNAZ, 2014, p.21).

O trecho apresentado aborda o conceito de patrimônio cultural como uma construção política. Anteriormente, a identificação dos bens que constituíam o patrimônio cultural não era necessariamente feita pelas próprias comunidades detentoras desses bens. Isso implicava em uma centralização do processo de definição do patrimônio, onde algumas perspectivas e histórias poderiam ser negligenciadas em detrimento de outras. As comunidades agora têm a oportunidade de se mobilizarem na internet e participarem ativamente das discussões em torno das questões patrimoniais. Essa interação possibilita que diferentes vozes sejam ouvidas, permitindo que a identificação e a valorização do patrimônio cultural não sejam mais restritas ao poder organizado, como era no passado. Dessa forma, a internet e as tecnologias digitais têm contribuído para democratizar o processo de preservação e promoção do patrimônio cultural, aproximando as comunidades das decisões relacionadas aos bens de

memória e identidade que são significativos para elas. Essa democratização é importante para garantir uma representação mais abrangente e inclusiva da diversidade cultural e da história de diferentes grupos e regiões.

Para responder a problemática desta pesquisa: Como preservar a memória do patrimônio escolar através da cultura digital? Foi necessário esclarecer aos alunos quatro perguntas sobre o projeto: O quê? Pra quê? Por quê? Como? A primeira pergunta se refere ao que é o projeto. O projeto consiste em utilizar tecnologias digitais para preservar patrimônios por meio da coleta de dados e criação de um memorial digital. A ideia é explorar como as ferramentas digitais podem ser empregadas para registrar informações relevantes sobre o patrimônio, tornando-as acessíveis e perpetuando a memória cultural.

Na segunda questão: para que serviria o projeto? O seu objetivo principal é ressignificar a forma como compreendemos a memória e o patrimônio, explorando como a cultura digital pode enriquecer e democratizar o acesso às informações sobre o passado. Por quê? O projeto se justifica pela crescente importância das tecnologias digitais na sociedade moderna. Elas oferecem oportunidades únicas para documentar, compartilhar e preservar a cultura e a história de maneira acessível e abrangente. Ao empregar essas ferramentas, podemos criar uma relação mais significativa com nosso patrimônio e memória, fortalecendo nosso senso de identidade e pertencimento.

E a última pergunta refere-se a como será feito o projeto. Para atingir os objetivos, os estudantes utilizaram diferentes recursos digitais, como aplicativos de registro de áudio, vídeo e imagens e plataformas de mídia. Eles realizaram pesquisas e coletaram dados, registrando informações relevantes e histórias relacionadas ao local. Em seguida, criaram um *site* que abrange textos, fotos, vídeos, áudio e outros recursos para representar e compartilhar a história do colégio com o público. Com essas respostas, os alunos tiveram uma visão clara do projeto e como ele se propõe a explorar o uso de tecnologias digitais na preservação da memória e patrimônio cultural.

Para o roteiro 1, trabalhamos com a pergunta principal: O que é patrimônio? Discutimos os conceitos de memória e identidade e através dos debates gravamos um áudio sobre patrimônio e suas formas de preservação. Para falar de memória e identidade precisei, primeiramente, falar de cultura. Para isso, utilizei o Artigo XXVII da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus

benefícios. 2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor (ONU, 1948).

Portanto, a participação na vida cultural, o acesso às artes e o benefício do progresso científico são direitos fundamentais e universais que visam garantir que todas as pessoas tenham a oportunidade de contribuir para e desfrutar da riqueza cultural e do avanço do conhecimento humano. As sociedades mantêm partes de sua história que são fundamentais na construção de sua identidade, o que auxilia seus membros a se reconhecerem como parte de um todo.

Dessa forma, com base nessa memória coletiva, novas gerações conhecem símbolos do que foi seu passado. Esses direitos são importantes para promover a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento intelectual das sociedades. Além disso, o acesso à cultura e ao conhecimento é essencial para o desenvolvimento humano e social. O acesso às artes, por sua vez, enriquece a vida das pessoas, inspira a criatividade e promove a compreensão mútua entre diferentes culturas. É responsabilidade das sociedades e governos garantir que esses direitos sejam protegidos e promovidos para todos os indivíduos, independentemente de sua origem, etnia, classe social ou condição econômica. Ao assegurar o acesso igualitário à cultura e ao conhecimento, uma sociedade pode se tornar mais inclusiva, tolerante e próspera, proporcionando a todos os cidadãos a oportunidade de participar plenamente da vida cultural e intelectual do país.

Infelizmente, ao longo da história, muitas sociedades sofreram a perda de patrimônios valiosos, muitas vezes de forma irreparável, seja devido a conflitos armados, desastres naturais, negligência ou outras circunstâncias adversas. A destruição de cidades e patrimônios culturais durante a Segunda Guerra Mundial é um exemplo trágico disso, e Dresden, na Alemanha, foi uma das cidades que sofreu severamente com os bombardeios. Dresden era uma cidade rica em patrimônio histórico e cultural, com muitos edifícios e monumentos significativos. O bombardeio intensivo e devastador que ocorreu em fevereiro de 1945 resultou na destruição de grande parte do centro histórico da cidade e causou a perda de inúmeras obras de arte, arquitetura e registros históricos preciosos.

No entanto, após a guerra, houve esforços de restauração e reconstrução em Dresden e em outras cidades afetadas pela destruição. A reconstrução foi um processo complexo e exigiu muito trabalho, pesquisa e dedicação, mas muitos locais históricos foram recuperados com base em fotografias, desenhos e registros históricos. Além disso, as comunidades locais,

juntamente com o apoio de instituições internacionais, se empenharam em preservar o que restou dos patrimônios culturais.

Na aula de história, trabalhamos com imagens de Dresden antes e após os bombardeios e depois de sua reconstrução. Uma das imagens selecionadas foi a da Igreja Frauenkirche, demonstrada abaixo.



Figura 1 – Ruínas da Frauenkirche (Igreja de Nossa Senhora), após bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial. Dresden, Alemanha, 1945. Fonte: Terra, 2013.

A história da reconstrução da Igreja Frauenkirche em Dresden é um exemplo significativo da importância do patrimônio cultural e da identidade histórica de uma cidade. A decisão de restaurar a igreja em sua forma original barroca, em vez de construir um novo monumento que representasse o modelo socialista de arquitetura, refletiu a preocupação em preservar a herança histórica e a identidade da cidade e de seus moradores tradicionais. A ideia de reconstruí-la em seu estilo original foi apoiada por historiadores da arte, urbanistas e defensores do patrimônio cultural, que entendiam a importância de preservar e resgatar os elementos arquitetônicos e culturais que constituíam a identidade de Dresden. A reconstrução da igreja pode ter sido um empreendimento desafiador, exigindo uma meticulosa pesquisa histórica e técnica para recuperar os detalhes e as características originais do edifício.

No entanto, a decisão de fazê-lo resultou em um símbolo vivo da história da cidade, uma conexão com o passado que continua a ser apreciada por moradores e visitantes. A reconstrução da Igreja Frauenkirche em sua forma original, como mostra a fotografia abaixo

no registro de uma missa no ano de 2005, é uma inspiração para outras cidades e sociedades que enfrentam desafios semelhantes na preservação de seu patrimônio cultural. Mostra que, mesmo após tragédias ou destruições, é possível recuperar e valorizar elementos importantes da história de uma comunidade, permitindo que gerações futuras também apreciem e aprendam com esse legado.



Figura 2 – Frauenkirche reconstruída. Dresden, Alemanha, 2005. Fonte: Terra, 2013.

Em outros casos, as perdas ocorrem devido a desastres naturais, como é o caso da inundação que Florença, na Itália, sofreu em 1966.

O aguaceiro danificou uma parte considerável do acervo histórico de Florença (o nível da água chegou a quase seis metros de altura, inundando galerias, museus, igrejas e bibliotecas) e impulsionou uma série de medidas que foram adotadas progressivamente nos anos seguintes. O trabalho desenvolvido ali levou à formação de um refinado sistema de restauro em obras de arte que se tornou referência mundial e marcou na história um dos momentos mais bonitos de solidariedade para preservação do acervo em limpeza da cidade, que envolveu 74 países, inclusive o Brasil. (FERRAZ, 2018).

A Igreja de Santa Cruz (Basilica di Santa Croce) foi um dos locais mais afetados pela enchente. Essa igreja é uma das mais importantes e veneradas de Florença, abrigando os túmulos de muitas figuras históricas proeminentes, como Michelangelo, Galileo Galilei, Dante Alighieri e outros. As águas da inundação inundaram o interior da igreja, causando danos significativos às obras de arte, esculturas, túmulos e outros elementos preciosos que

faziam parte do patrimônio cultural da igreja. A imagem abaixo, da Igreja de Santa Cruz tomada por lama após a enchente, foi mostrada aos alunos para debate.



Figura 3: Igreja da Santa Cruz após a enchente. Florença, Itália, 1966. Fonte: RIBEIRO, Deyse. [s.d.].

A imagem do entorno da Igreja de Santa Cruz tomada por lama e árvores após a enchente é uma poderosa lembrança das consequências devastadoras de desastres naturais sobre o patrimônio cultural. Mostra como o patrimônio histórico e artístico pode ser vulnerável a eventos naturais imprevisíveis, como inundações, terremotos ou incêndios. Esses eventos também destacam a importância de investir em programas de conservação e restauração contínuos para proteger o patrimônio cultural de longo prazo. Esses reparos são muito importantes para a preservação da memória das sociedades, mas nem sempre eles são possíveis, como é o caso da cidade de Palmira, na Síria. Os conflitos decorrentes da guerra civil no país destruíram inúmeros sítios arqueológicos e ruínas históricas. Palmira era uma cidade antiga de grande importância histórica e arqueológica, conhecida por suas impressionantes ruínas e sítios arqueológicos que remontam a milhares de anos.

Palmira foi uma cidade de grande relevância na Antiguidade, pois foi construída num oásis na principal rota de caravanas entre o Oriente e o Ocidente. Uma de suas figuras mais conhecidas é a rainha Zenóbia, ascendeu ao poder por volta de 268 a.C., conquistou a maior parte da Ásia Menor e declarou independência de Roma. (ROCHA, 2019).

A rainha Zenóbia, mencionada na citação, foi influente e ambiciosa, governou Palmira com destreza e conseguiu expandir o território do reino, conquistando a maior parte da Ásia Menor, Egito e partes do Oriente Médio. Sob seu governo, Palmira declarou independência de Roma e Zenóbia foi autoproclamada rainha do Império de Palmira. A ascensão de Palmira como um poderoso estado independente e as conquistas sob o governo de Zenóbia chamaram a atenção e representaram um desafio para o Império Romano. No entanto, após uma série de conflitos e confrontos com Roma, Zenóbia foi finalmente derrotada e capturada pelo imperador romano Aureliano em 272 d.C. A cidade de Palmira foi submetida a um cerco e sofreu consequências devastadoras. A história de Palmira e a figura de Zenóbia são de grande interesse histórico e arqueológico, representando um período fascinante da Antiguidade e as interações entre diferentes culturas e impérios. Infelizmente, como mencionado anteriormente, a cidade de Palmira enfrentou recentemente uma destruição significativa devido à guerra civil na Síria, resultando em perdas irreparáveis para o patrimônio cultural da humanidade.



Figura 4: Templo de Bel, ruínas em Palmira, Síria, 2016. Fonte: Mdig, 2016.



Figura 5: Arco do Triunfo, ruínas em Palmira, Síria, 2016. Fonte: Mdig, 2016.

Após analisarem as imagens do Templo de Bel e do Arco do Triunfo, ruínas localizadas em Palmira que retratam os monumentos antes e depois de serem destruídos durante a guerra civil na Síria, os estudantes responderam no caderno as seguintes questões: A destruição das ruínas modificou algo na cidade de Palmira? Você acha que, se houvesse oportunidade, a cidade deveria ser reconstruída? Por quê? Os estudantes refletiram que a destruição alterou a paisagem e causou a perda de parte do patrimônio histórico. Esse fato impacta a qualidade das pesquisas arqueológicas no local. Os alunos também refletiram sobre os pontos positivos e negativos da reconstrução de patrimônios materiais. Através de um debate, os alunos se posicionaram a favor ou contra a reconstrução. Para aprofundar o debate sobre reconstrução de patrimônios culturais, na aula de culturas e tecnologias digitais apresentei uma situação um pouco diferente das apresentadas anteriormente. Utilizamos o laboratório de informática para visitar virtualmente o museu Guggenheim. O objetivo era conhecer a obra do artista chinês Ai Weiwei. A obra "*Dropping a Han Dynasty urn*" de Ai Weiwei é uma provocativa expressão artística que levanta questões importantes sobre a preservação do patrimônio cultural e o significado de destruição deliberada. Ao registrar a ação de deixar cair e quebrar um vaso da Dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.), um artefato de valor financeiro e histórico inestimável, o artista desafia a ideia tradicional de valor cultural e

questiona a importância atribuída a objetos históricos em nossa sociedade. Essa obra de Ai Weiwei coloca em foco a noção de patrimônio cultural e como diferentes sociedades e indivíduos podem ter perspectivas e valores divergentes em relação a objetos e artefatos históricos. O que para alguns é um tesouro a ser protegido e preservado, para outros pode ser apenas um objeto inanimado.

Essa reflexão sobre a natureza efêmera das coisas e como a história e a cultura são interpretadas é uma abordagem provocadora do artista. Quando questionado sobre sua atitude, o artista respondeu que o presidente Mao sempre falava que só era possível construir um novo mundo destruindo o velho (WEIWEI). Com essa fala irônica, ele refere-se à destruição de milhares de artefatos culturais durante a Revolução Chinesa (1966-1969), que se propunha a destruir as “quatro relíquias”: antigos costumes, hábitos, cultura e ideias. Na época da Revolução, a família do artista e ele ainda criança, foram exilados de Pequim por diferenças ideológicas. A produção artística de Weiwei é meio de expressão e militância. É considerado uma das personalidades mais influentes da arte contemporânea. Ele defende que a arte não pode ser estética pura, mas está sempre relacionada com quem somos, onde estamos e, portanto, com nossa ideologia e atuação política.



Figura 6: Ai Weiwei na obra Dropping a Han-Dynasty Urn. 1995. Fonte: Museu Guggenheim. 2017.

Através do uso da tecnologia digital, os alunos tiveram a oportunidade de se envolver com essa obra e entender o contexto em que ela foi criada, bem como o debate e o diálogo que ela pode gerar sobre a preservação do patrimônio cultural, a arte contemporânea e a percepção de valor em diferentes culturas. A partir das reflexões propostas, os estudantes responderam no caderno duas perguntas: Em sua opinião, o que a obra de Ai Weiwei está tentando expressar? O vaso é um artefato cultural. Você considera que sua destruição é

também um ato cultural? Por quê? A resposta para a primeira questão era que o autor promoveu um debate sobre tradições, utilizando-se da ideia de quebra no sentido de superação e libertação. Sendo de caráter pessoal, alguns alunos também manifestaram a ideia de que era um ato revolucionário de protesto ao governo anterior. Apareceu respostas como a expressão de crítica à ideia tradicional de valor cultural e o questionamento à importância atribuída a objetos históricos, levando a refletir sobre como a sociedade atribui valor a objetos históricos e como essa valorização pode variar de acordo com diferentes contextos culturais e históricos.

Na segunda questão, os alunos relacionaram o papel da cultura com formas de resistência e militância. Outras respostas citaram a destruição do vaso como um ato cultural, pois a cultura não é apenas sobre a preservação, mas também sobre a criação e a expressão artística. Através da ação destrutiva, Ai Weiwei está criando uma nova narrativa em torno do vaso, desafiando sua relevância histórica e cultural. Sua destruição se torna um ato cultural porque provoca discussões e reflexões sobre a percepção de valor, a preservação e a interpretação da história e da cultura.

As atividades relatadas acima no roteiro 1, faziam parte da primeira etapa. Na segunda etapa do mesmo roteiro, realizamos um debate a partir dos textos trabalhados até então. Muito do que compõe a identidade de um povo é decidido pelo próprio povo. Porém, às vezes há discordâncias entre os sujeitos envolvidos. É legítimo destruir um patrimônio histórico com o intuito de abrir espaço para novos patrimônios? Os alunos se organizaram em dois grandes grupos. No primeiro momento, pesquisaram no laboratório de informática o tema reconstrução de patrimônios culturais, embasando seus posicionamentos com a opinião de diferentes especialistas nesta área. Eles tiveram cerca de 45 minutos para realizar a pesquisa e registrar no caderno. No período seguinte começaram as apresentações, revezando entre uma opinião a favor e uma contra, com 4 minutos de duração cada. Ao final, fiz uma conclusão geral destacando os pontos positivos e negativos dos dois posicionamentos. Foi importante acompanhar de perto a discussão dos grupos para garantir que os alunos ouvissem as opiniões dos colegas de forma respeitosa. Reforcei aos alunos a cultura de paz e a importância de ouvir os argumentos contrários aos seus.

Os alunos perceberam que a questão da destruição de um patrimônio histórico para abrir espaço para novos empreendimentos envolve considerações culturais, históricas, sociais, econômicas e éticas. Não existe uma resposta única ou simples para essa questão, pois cada caso é único e deve ser analisado em seu contexto específico. Reconheceram de forma geral, que o patrimônio histórico e cultural de uma comunidade é uma parte fundamental de sua

identidade e herança, e sua preservação é geralmente valorizada por muitas pessoas. Esses locais e objetos históricos podem ser testemunhas importantes do passado e contribuir para a compreensão e conexão das gerações com sua história. No entanto, em algumas situações, pode haver debates e conflitos sobre como equilibrar a preservação do patrimônio histórico com o desenvolvimento e progresso da sociedade. Por exemplo, em áreas urbanas onde há escassez de espaço e necessidade de infraestrutura ou empreendimentos modernos, pode haver pressões para a destruição de certos patrimônios históricos para abrir caminho para novos projetos.

Algumas das considerações importantes que os estudantes fizeram: Valor e significado do patrimônio; É importante avaliar o valor cultural, histórico e simbólico do patrimônio em questão e como ele contribui para a identidade e história da comunidade. Se o patrimônio for especialmente relevante e único, sua destruição pode ser mais contestada. Impacto social e comunitário; É necessário levar em conta os sentimentos e opiniões da comunidade local em relação ao patrimônio em questão. Se a maioria dos membros da comunidade valoriza e deseja preservar o patrimônio, suas vozes devem ser consideradas no processo de decisão. Benefício público; é necessário avaliar o benefício público de abrir espaço para novos empreendimentos em comparação com a perda do patrimônio histórico. Em alguns casos, pode haver um equilíbrio entre a preservação e a construção dividindo o mesmo espaço.

Na terceira e última etapa do roteiro 1, a atividade prática foi a gravação com a pesquisa dos grupos sobre a preservação e reconstrução de patrimônios históricos. Esta mídia, permitiu que os estudantes se expressassem e transmitissem informações de forma clara acerca da reconstrução patrimonial embasados em exemplos da pesquisa realizada. Ao abordar o tema de patrimônios históricos, este registro ofereceu aos alunos ouvintes uma oportunidade única de aprender sobre a importância da preservação cultural, a história por trás desses locais e as diversas estratégias utilizadas para a sua reconstrução e conservação ao longo do tempo, explicadas pelos próprios estudantes. O fato de os grupos terem realizado pesquisas para a criação do conteúdo também é uma excelente forma de incentivar a busca por conhecimento, o trabalho em equipe e a capacidade de síntese das informações coletadas. Com isso, os estudantes envolvidos no projeto têm a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre o tema e, ao mesmo tempo, desenvolver habilidades de comunicação, pesquisa e expressão oral. Além disso, a escolha do áudio como mídia para a atividade prática também pode contribuir para conversar com os jovens, visto que o formato é facilmente acessível por meio de dispositivos móveis.

Neste momento do projeto, reforcei aos estudantes que a atividade era para exercitar o uso da linguagem verbal ao compartilhar informações e ideias. Eles selecionaram do caderno, partes da pesquisa realizada anteriormente, tiveram entre um e dois minutos de tempo de áudio. Utilizei o microfone do meu celular para gravar individualmente cada áudio. Os alunos foram recebidos um de cada vez na sala de gravação para evitar ruídos externos. Deste total de gravações, serão selecionados trechos específicos de cada aluno para criar a fonte final, que não deve ultrapassar cinco minutos de duração. A gravação estará disponível no *site* da escola. O uso de mídias como essa na educação é uma maneira de tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo, aproximando os estudantes de temas relevantes para a sociedade. Abaixo, algumas transcrições selecionadas a partir da gravação dos estudantes.

Acredito que é possível dar a catedral a silhueta que é conhecida no mundo inteiro, mas tecnicamente não com os mesmos materiais. O valor e o sentido da igreja podem sim ser recuperados, por outro lado, em termo de autenticidade é complicado de avaliar, já que a Notre Dame já foi restaurada, reconstruída e modificada, ou seja, a autenticidade da construção original da idade média. Julien Bastoen, professora de arquitetura da França. E na minha opinião, pode sim ser reconstruído o monumento histórico, porém, não vai ter um valor tão intenso como já teve no passado quando foi construído na época original” (Estudante 9, 2023).

Durante a discussão sobre a reconstrução da Catedral de Notre Dame, a discente se embasou na fala de Julien Bastoen, professora de arquitetura francesa, para defender o seu posicionamento sobre questões de autenticidade e preservação deste monumento que, no dia quinze de abril de 2019, pegou fogo, após mais de 850 anos de história. Essas observações foram integradas nos debates sobre restauração e preservação dos patrimônios, mostrando que, enquanto a forma física pode ser replicada, o valor histórico é profundamente influenciado pelo contexto e pelas experiências originais. A reabertura da Catedral de Notre Dame está prevista para dezembro deste ano (2024).

No trecho abaixo, o estudante 10 aborda a questão da preservação de sítios históricos em zonas de conflitos, como as ruínas de Nínive, no Iraque.

O maior sítio arqueológico e mais antigo do oriente médio que é descoberto possui um palácio com quase 3000 anos, as ruínas de Nínive no sul do Iraque. Daniel Rocha, arqueólogo especialista diz que a perda encerrou muitas pesquisas em desenvolvimento, a cidade populosa só foi destruída por conta das guerras. Na minha opinião, a destruição dessas ruínas de Nínive foi ruim porque encerrou vários tipos de pesquisas e descobertas que poderiam alavancar a descoberta de um povo mais antigo da região” (Estudante 10, 2023).

No debate sobre reconstrução patrimonial, o aluno supracitado enfatizou a reflexão do arqueólogo Daniel Rocha que aponta que a destruição dessas ruínas interrompeu pesquisas essenciais sobre o passado da região, prejudicando o entendimento histórico sobre uma civilização populosa e significativa, cuja história foi amplamente afetada por conflitos e guerras. Essa perda fomentou o debate sobre a necessidade de proteger o patrimônio em zonas de conflito. No caso de Nínive, muitas estruturas históricas, artefatos e relevos esculpidos que contavam histórias da vida cotidiana, religião e conquistas militares da civilização assíria foram danificados ou destruídos. Para arqueólogos e historiadores, a destruição de um sítio como Nínive é uma perda da possibilidade de reconstruir a história de forma mais autêntica e de compreender melhor o impacto dessas civilizações antigas no desenvolvimento humano. A reflexão do aluno sublinha a importância de preservarmos esses legados para que futuras gerações tenham a oportunidade de explorar e aprender com essas heranças culturais. Como afirma a estudante 11 da pesquisa: “Eu acho que devemos restaurar e preservar os patrimônios históricos, pois fazem parte da história do mundo e cada um tem seu valor”. A aluna observa que cada patrimônio carrega um valor único, representando aspectos culturais, sociais e artísticos que contribuem para o entendimento das diferentes épocas e sociedades.

4.2 ROTEIRO 2 - NA ESCOLA

Na etapa 1 do roteiro 2, os alunos fizeram um trabalho de pesquisa sobre a história do Colégio Ruben Berta e da comunidade escolar. Foi um trabalho de investigação científica sobre o patrimônio e memória do local. Nesta investigação, eles saíram a campo para coletar diversos materiais. Para isso, dividiram-se em três grupos: Imagens, biografia, entrevistas. O primeiro grupo ficou responsável por analisar centenas de fotografias da escola, desde a sua fundação na década de sessenta até os dias atuais. Eles tinham como objetivo principal, selecionar as imagens mais relevantes para contar a história da escola em conjunto com a história nacional. Para cada imagem escolhida era necessário incluir legenda e justificativas para contextualizar e enriquecer a narrativa visual. Já o segundo grupo, ficou encarregado de escrever a biografia do patrono do colégio: Ruben Berta. Através de jornais antigos, livros e pesquisas na internet, eles contaram a história de vida e obra do Ruben Berta, justificando a escolha do nome para esta instituição educacional. A pesquisa sobre a biografia do patrono do colégio, também é um aspecto essencial para compreender a origem e a identidade deste espaço, ampliando suas habilidades de pesquisa e obtendo informações valiosas sobre a figura histórica que empresta seu nome ao colégio.

Para finalizar, o terceiro grupo deveria selecionar professores, funcionários, alunos e ex-alunos para entrevistar. O grupo de entrevistas é uma maneira de ouvir diretamente as vozes da comunidade escolar, permitindo que eles expressem suas perspectivas sobre a história local e a identidade da escola. A criação de um roteiro de perguntas bem pensado e a obtenção de autorizações para o uso de imagem demonstram o compromisso ético e respeito pela privacidade dos entrevistados. Algumas entrevistas estarão disponíveis como uma gravação de áudio a ser agregada ao *site* de memórias do colégio, sendo uma maneira inteligente de preservar essas histórias e compartilhá-las com o público mais amplo. Isso ajuda a tornar o conteúdo mais acessível e interativo para a comunidade e outras pessoas interessadas. Para a conclusão do roteiro, trabalhamos com o conto “*Funes, o Memorioso*” de Jorge Luis Borges, para explorar a relação entre memória, esquecimento e a construção da história.

A utilização dos acervos antigos da biblioteca do colégio, como fotografias, jornais e livros antigos, também é uma abordagem muito significativa para a pesquisa. Isso permite que os alunos tenham acesso direto a fontes históricas, possibilitando uma experiência de aprendizado mais autêntica e imersiva. Esse projeto vai além do aprendizado em sala de aula, proporcionando aos alunos a oportunidade de se envolverem em atividades de pesquisa, trabalho em equipe, entrevistas e produção de conteúdo relevante para a comunidade escolar.

Na segunda etapa do roteiro 2, os alunos foram responsáveis por apresentar as fontes escolhidas e os resultados de suas pesquisas de campo. Cada grupo selecionou diferentes tipos de fontes, como imagens, áudios, textos e depoimentos de pessoas, com o objetivo de contar a história da escola e representar sua identidade. Os grupos argumentaram e embasaram a seleção de fontes. Para decidir se uma fonte iria ou não para o *site*, os estudantes levaram em consideração quatro critérios importantes: Representação da identidade do Colégio Ruben Berta, avaliando se a fonte escolhida era relevante para representar a escola; Unicidade ou raridade das características e expressão da fonte, analisando se a fonte em questão continha elementos únicos ou raros que não pudessem ser encontrados em outras fontes similares; Relevância histórica, verificando se a fonte tinha relação direta com a história do Colégio Ruben Berta e se era capaz de enriquecer o contexto histórico; Mensagem transmitida, os estudantes exploraram a mensagem que a fonte carregava e como ela contribuía para a narrativa geral da história da escola.

Após analisar cada fonte com base nessas perguntas e critérios, os grupos preencheram fichas contendo as seguintes informações: Item escolhido, descrição da fonte selecionada (por

exemplo, título da imagem, título do áudio ou trecho do texto); Tipo de dado coletado, indicação se a fonte era uma imagem, áudio ou texto, dependendo do material pesquisado; Critério escolhido: Indicação do critério específico que foi utilizado para avaliar a fonte (representação da identidade, unicidade, relevância histórica, mensagem transmitida); Justificativa da decisão final, explicação detalhada de como a fonte atendeu aos critérios estabelecidos e por que ela foi escolhida para fazer parte do blog do colégio. Essas fichas de seleção permitiram aos alunos organizarem suas escolhas de forma coerente e embasada, garantindo que apenas as fontes mais relevantes e significativas para a história do Colégio Ruben Berta fossem incluídas no projeto.

Para concluir essa etapa, foi distribuído o conto “*Funes, o Memorioso*” (BORGES, 1997), para o trabalho em grupo. A obra explora temas profundos sobre a memória ao narrar a história de Ireneo Funes, um jovem que, após um acidente, adquire a capacidade de lembrar absolutamente tudo, em detalhes intensos e absolutos. Borges utiliza o personagem Funes para refletir sobre as limitações e o peso de uma memória perfeita, questionando o papel da memória na formação da identidade e na construção da história.

Dezenove anos havia vivido como quem sonha: Olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido. E também as lembranças mais antigas e mais triviais. (...) Agora a sua percepção e sua memória eram infalíveis (BORGES, 1997).

A história começa com a descrição da vida de Funes, que vive em uma pequena cidade uruguaia. O narrador reconta um episódio de sua juventude em que encontra Funes após sua recuperação do acidente. Funes agora possui uma memória extraordinária: ele é capaz de recordar cada instante de sua vida com uma clareza incomparável. Contudo, essa habilidade não vem sem suas desvantagens. Funes é incapaz de generalizar ou abstrair; cada memória é tão vívida e isolada que ele se torna prisioneiro de sua própria lembrança.

Após os grupos realizarem a leitura do conto, foram passadas algumas questões para que respondessem acerca do conto: Qual é o “poder” e a “maldição” de Funes? Como seria viver com uma memória sem esquecer nada? Qual a relação entre a memória de Funes e o que guardamos no passado para construir nossa história? Se lembrássemos de tudo, como Funes, poderíamos criar uma história? Discuta como o processo histórico precisa de organização e interpretação, e que o esquecimento pode ter um papel positivo na construção de uma narrativa coerente e útil para a sociedade.

O conto explora como a memória é fundamental para a construção da identidade.

Funes, com sua memória absoluta, perde a capacidade de se identificar como um indivíduo, já que cada momento vivido não é integrado a uma narrativa coerente. A obra sugere que a memória perfeita pode ser um fardo. A habilidade de lembrar tudo impede Funes de se conectar com o presente, tornando-se um prisioneiro de suas lembranças. Borges sugere que o esquecimento é essencial para a experiência humana. Para criar significados e construir histórias, é necessário selecionar e organizar as memórias, algo que Funes não consegue fazer.

O conto também aborda a relação entre a realidade e a abstração. O personagem não consegue abstrair as experiências; ele vive apenas no detalhe. Isso reflete a ideia de que, para entender a realidade, precisamos ser capazes de ver além do imediato. A ausência de esquecimento significaria que cada evento seria igualmente importante, sobrecarregando nossa capacidade de foco e impossibilitando a deslembração de momentos triviais. Em última análise, isso poderia prejudicar nosso bem-estar e nossa capacidade de tomar decisões, pois não haveria "espaço" mental para organizar o que é mais ou menos relevante.

1- Qual é o "poder" e a "maldição" de Funes?

Ele tinha o poder de sempre saber a hora, a maldição é que o obrigava a lembrar na estância de São Francisco, e que ficava paralisado, sem esperança.

2- Como seria viver com uma memória sem esquecer nada?

Em momentos necessários seria algo muito bom. Pois permite o reaproveitamento do conhecimento e das experiências passadas na sua vida. O ruim é que você lembra de coisas que te machucam.

3- Qual a relação entre a memória de Funes e o que guardamos no passado para construir nossa história?

Sempre se lembramos de pessoas e coisas importantes que passaram e ainda passam em nossas vidas.

Figura 7: Atividade realizada pelo estudante 12. 2023. Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na imagem da atividade acima, o estudante 12 afirma que o poder de Funes era sempre saber a hora e a maldição é que com a queda que lhe deu o poder da memória absoluta, ficou parálítico. Em momentos necessários seria positivo ter uma super memória, porém, o ruim seria lembrar de coisas que o machucam sem conseguir superar e esquecer. Quando questionado sobre a relação da memória com o passado para construir nossa história, o aluno responde ser importante lembrarmos das pessoas que passaram nas nossas vidas e das datas destes acontecimentos. Esta reflexão do estudante sobre Funes explora o lado ambíguo de uma memória impecável. Ele reconhece que, embora fosse vantajoso reter memórias detalhadas em momentos específicos, o sofrimento também viria ao relembrar constantemente eventos dolorosos. O estudante ainda aponta que a memória é essencial para a construção de nossa história, já que as lembranças das pessoas e dos momentos significativos ajudam a moldar nossa identidade e nosso entendimento do passado. Essa visão reforça a ideia de que, na construção de nossas narrativas pessoais, lembrar e esquecer são processos igualmente importantes, permitindo-nos escolher o que valorizamos e como interpretamos nosso percurso de vida.

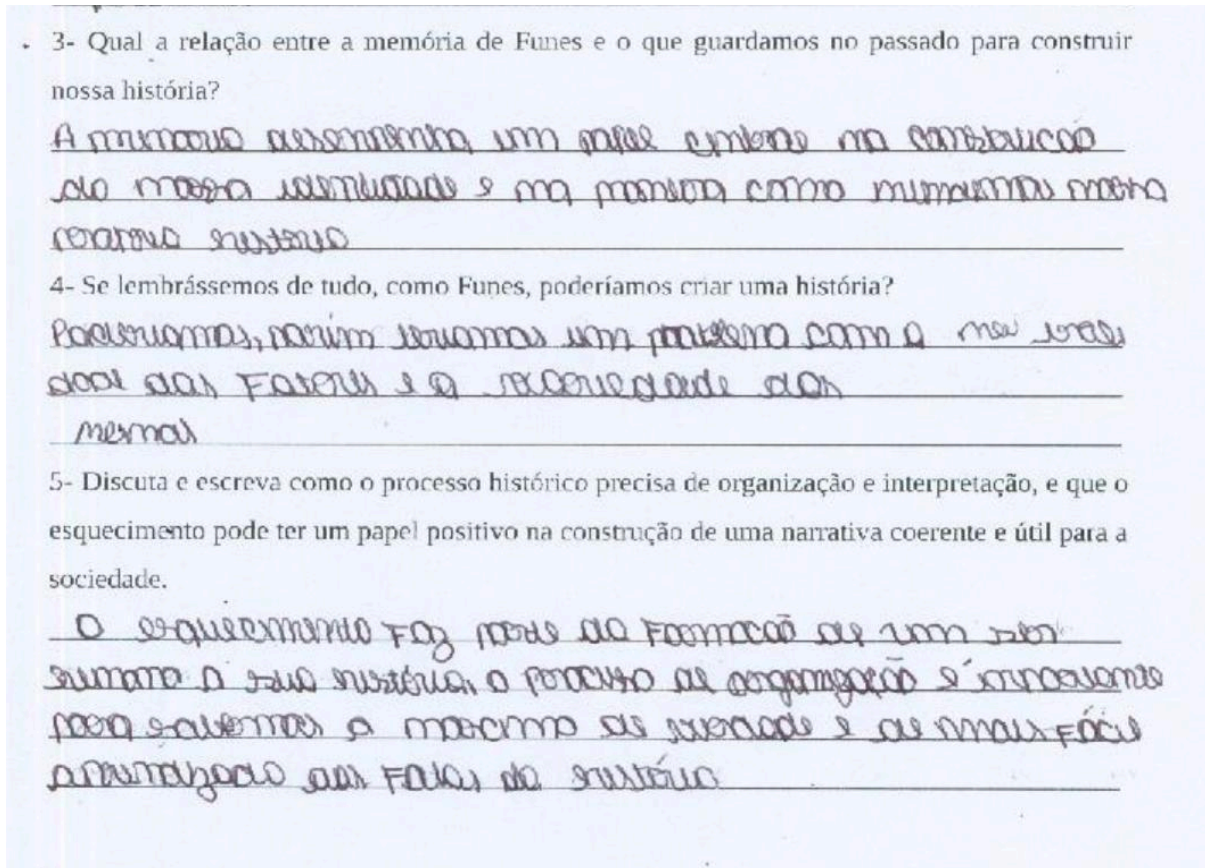


Figura 8: Atividade realizada pela estudante 13. 2023. Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na imagem acima, a estudante 13 relaciona a memória com a construção da nossa identidade e na maneira como entendemos nossa própria história. Para ela, é possível criar histórias lembrando de tudo, porém teria dificuldades com a quantidade e variedade dos fatos narrados. Sobre o processo histórico, a aluna reflete que o esquecimento faz parte da formação do ser humano e de sua história e que a organização é necessária para sabermos o “máximo” de verdade dos fatos históricos. A observação da discente evidencia a relação intrínseca entre memória, identidade e a forma como compreendemos nossa história pessoal e coletiva. Ela reconhece que, embora seja possível construir histórias relembando tudo, o excesso de detalhes poderia dificultar a organização e compreensão dos acontecimentos. Ao refletir sobre o processo histórico, a aluna destaca que o esquecimento não é uma falha, mas uma parte essencial da formação humana e da construção de narrativas. Para ela, a organização dos fatos e a seleção de memórias são fundamentais para buscar o mais próximo da verdade nos fatos históricos, permitindo que possamos entender e aprender com o passado.

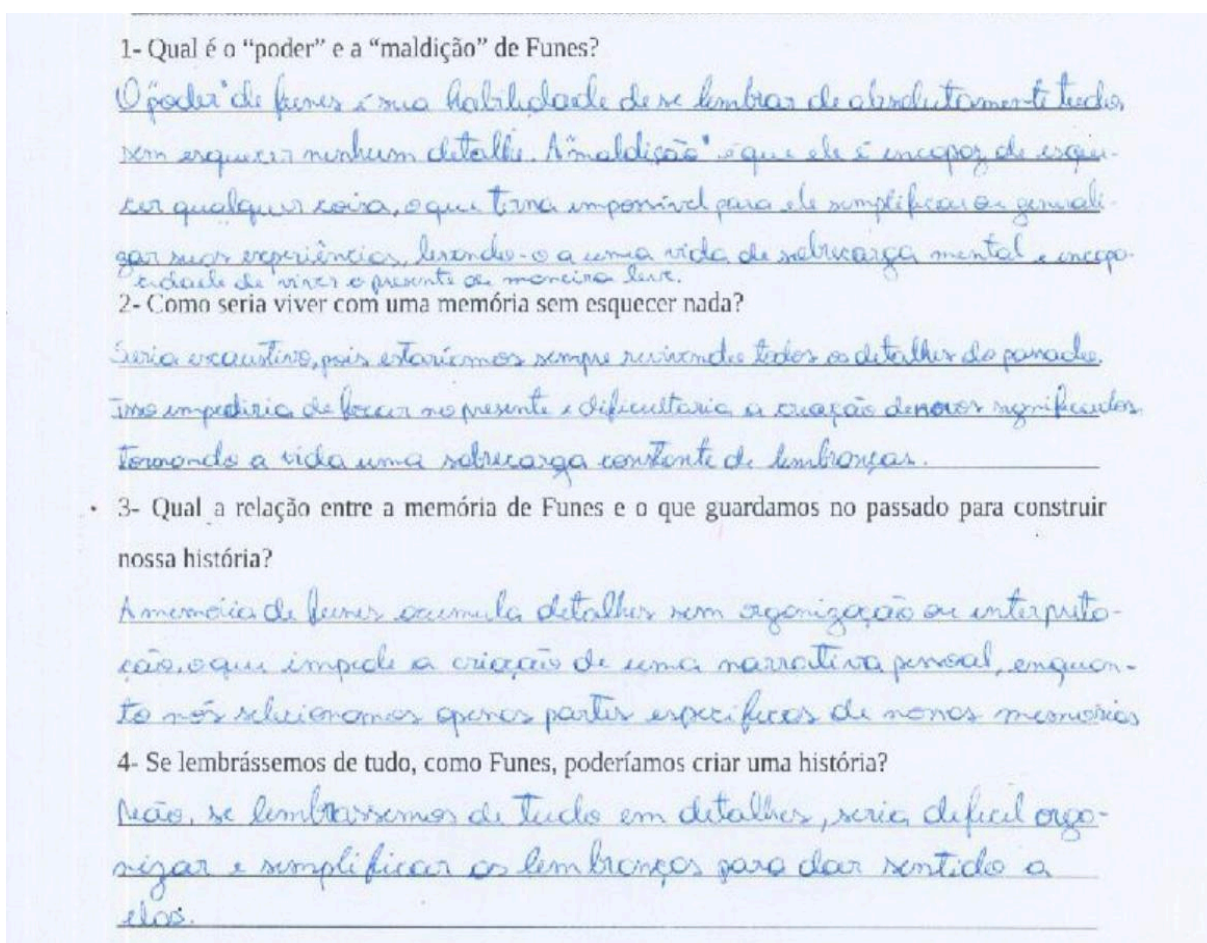


Figura 9: Atividade realizada pela estudante 14. 2023. Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Já a estudante 14, reflete que o poder de Funes é a habilidade de lembrar de absolutamente tudo, sem esquecer nenhum detalhe, enquanto a maldição é a incapacidade de esquecer, tornando impossível simplificar suas experiências e o levando a uma sobrecarga mental. Viver com uma memória sem esquecer nada, impediria de focar no presente, dificultando a criação de novos significados às lembranças. Ela observa que a memória de Funes só acumula informações sem organização e interpretação, impedindo a construção de narrativas, não sendo possível criar história. A educanda nota que, por acumular informações, a memória de Funes se torna apenas um registro bruto, sem coerência narrativa. Este processo, segundo ela, inviabiliza a construção de uma história, já que uma narrativa significativa depende de um equilíbrio entre lembrar e esquecer, além da interpretação.

Os estudantes compreenderam a relação entre memória e identidade como um processo dinâmico e contínuo, onde a memória do passado serve de alicerce para a construção da identidade presente. A ideia central é que lembrar e preservar elementos do próprio passado é fundamental para sustentar e reforçar a identidade de um indivíduo ou comunidade. Isso implica que as escolhas sobre o que é lembrado e preservado não são feitas de forma aleatória, mas são influenciadas pelas necessidades e questões do presente. Dessa forma, o que se escolhe preservar do passado está diretamente relacionado às necessidades, valores e desafios do presente, o que torna a memória um componente essencial na construção da identidade. Portanto, os estudantes perceberam que a memória e a identidade não são elementos isolados, mas estão em constante interação, com o presente guiando as escolhas de preservação e as formas de recordar o passado. Essa relação reforça a importância de uma memória coletiva que ajude a dar sentido ao contexto atual e, ao mesmo tempo, contribua para a construção de um futuro mais consciente e fortalecido pela compreensão de sua própria história.

4.3 ROTEIRO 3 - MÍDIA DIGITAL

Nesse roteiro, trabalhamos a mídia digital e sua relação com a memória ao analisar um patrimônio. As etapas a seguir levam o estudante a refletir sobre a função do patrimônio digitalizado. Os estudantes são incentivados a reconhecer que informações relevantes sobre patrimônios materiais e imateriais podem ser armazenadas e difundidas de forma digital. Entretanto, o armazenamento digital tem suas limitações. Na digitalização, informações podem se perder, o que não ocorre com o estudo do material real, porém, o material digital é

mais seguro e pode ser divulgado a mais pessoas, além de economizar espaço. O objetivo nesta primeira etapa do roteiro 3, é reforçar a relação entre patrimônio e sua preservação usando a cultura digital.

Na primeira etapa foram abordados os conceitos de memória, mundo digital e museu. Na abertura desta aula, foi entregue aos alunos uma folha com dois textos sobre museus, duas imagens e uma notícia. O primeiro texto abordou a definição de museu segundo a Lei Federal nº 11.094, de 2009, que institui o Estatuto dos Museus.

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Conversamos na aula sobre essa definição de museu que abrange as características e funções essenciais que uma instituição deve ter para ser considerada um museu sob a legislação brasileira. Ela destaca a natureza sem fins lucrativos, a preservação, estudo, pesquisa, educação, e a abertura ao público como elementos fundamentais para a identificação de uma instituição. O segundo texto abordou a definição do Conselho Internacional de Museus (Icom).

Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite" (ICOM, 2015).

No segundo texto trabalhado, analisamos a definição de museu elaborada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 2015. O ICOM é uma organização internacional que promove padrões e ética para museus em todo o mundo. Essa definição destaca a natureza permanente da instituição, sua dedicação ao serviço da sociedade e as várias funções essenciais que um museu desempenha, como adquirir, conservar, investigar, comunicar e expor o patrimônio cultural material e imaterial. Além disso, enfatiza os propósitos educacionais, de estudo e deleite que os museus buscam atender.

Após a leitura e análise dos textos, observamos duas imagens de museus presentes no material impresso. A primeira imagem era do Museu do Amanhã, localizado no Rio de Janeiro. Esta instituição propõe uma narrativa estruturada em cinco áreas: Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós. Cada uma dessas áreas provavelmente representa diferentes aspectos relacionados ao futuro, desde considerações cósmicas até reflexões sobre a

humanidade. O espaço é um alerta sobre o perigo das mudanças climáticas, da degradação ambiental e do colapso social. Isso sugere que a instituição utiliza sua exposição para conscientizar os visitantes sobre questões críticas relacionadas ao meio ambiente. Além das implicações sociais desses desafios e como eles podem impactar a sociedade.

A segunda imagem analisada é do Memorial da Resistência localizado em São Paulo, uma instituição dedicada à preservação das memórias da resistência e da repressão política do Brasil republicano, de 1889 até a atualidade. O Memorial da Resistência tem um propósito específico, concentrando-se na preservação e exposição das memórias relacionadas à resistência e repressão política ao longo da história republicana do Brasil. Essa abordagem sugere um compromisso com a documentação e a compreensão dos eventos e figuras envolvidos em momentos de resistência política e repressão.

Também acompanhou os textos e imagens, uma notícia sobre o incêndio que atingiu o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo no ano de 2015.

O Museu da Língua Portuguesa abriu suas portas ao público no dia 21 de março daquele ano [2006]. Isa Ferraz, curadora do Museu, diz que o incêndio é "uma tragédia". "O museu é fruto de um trabalho de muitos anos de uma equipe multidisciplinar para criar algo completamente novo. Foi revolucionário não só pela tecnologia e formato, mas pela maneira de encarar a língua portuguesa. Temos todos os arquivos de todo o conteúdo".

O incêndio destruiu o local ocupado pelo museu, mas o acervo permanece intacto, visto que os elementos culturais que o museu se propõe a abrigar e expor não são expressos por artefatos antigos ou obras materiais, mas por suportes digitais. Após conversarmos sobre a notícia do incêndio no Museu da Língua Portuguesa, foi proposta uma atividade com três questões norteadoras: De que forma você acredita ser possível guardar um patrimônio em arquivos digitais? Em seu entendimento, quais seriam as vantagens e as desvantagens de um acervo digital? Quais seriam as vantagens e as desvantagens de um acervo físico? Na primeira pergunta, os estudantes citaram diferentes formas de armazenamento de um patrimônio em formato digital: registros fotográficos e audiovisuais, publicações digitalizadas, descrições textuais, simuladores de visita virtual, gravações de áudios, entre outras. Na questão dois, os estudantes problematizam as limitações do acervo digital. Ao digitalizar o material, alguns aspectos são enfatizados, mas outros podem se perder, em especial se ainda não foram notados.

O contato com o material físico é uma pesquisa primária, diretamente da fonte. O material digitalizado constitui uma fonte secundária, na qual nem todas as características

podem estar visíveis. O acervo digital, porém, auxilia, e muito, na democratização do acesso à cultura. Por último, os alunos responderam que o acervo físico é melhor por ser uma fonte primária de pesquisa e as descobertas são feitas pela análise desse material. Entretanto, tem pouca mobilidade, cabe ao visitante ir até o museu para ter contato com a obra.

Para finalizar a etapa 1 do roteiro 3, utilizamos a sala de informática da escola para acessar dois *sites*. O primeiro deles foi um *tour* virtual pelo Museu da Língua Portuguesa. Os estudantes puderam visitar a exposição como era antes do incêndio. O segundo *site* foi a ferramenta *Google Arts e Culture*, que possibilita a qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, visitar e conhecer, em três dimensões, patrimônios da humanidade em risco, incluindo alguns locais fechados ao público, como os famosos templos da cidade de Bagan, em Myanmar.

Na etapa 2 do roteiro 3, foi abordado o tema de rede de informações, para esta aula, utilizamos o laboratório de informática. É verdade que vivemos em uma era de abundância de informações, onde a internet nos oferece acesso a uma vasta quantidade de conteúdo em apenas alguns cliques. Esse acesso rápido e fácil à informação, tem transformado radicalmente a forma como aprendemos, trabalhamos e nos comunicamos. No entanto, a simples disponibilidade de informações não garante automaticamente o acesso ao conhecimento. Com o grande volume de informações disponíveis, surge o desafio de filtrar e discernir entre o que é relevante, preciso e confiável, e o que não é. Muitas vezes, a quantidade de informações pode ser esmagadora e até mesmo confusa, levando as pessoas a se sentirem perdidas em meio a tanto conteúdo. Além disso, a qualidade das informações nem sempre é garantida, já que a internet é um espaço onde informações precisas e verificadas convivem com rumores, desinformação e falsidades.

Portanto, os estudantes precisam refletir que apesar do acesso aparentemente ilimitado à informação, é importante desenvolver habilidades de pensamento crítico, avaliação de fontes e discernimento para aproveitar ao máximo as oportunidades que a internet oferece. Isso inclui saber como fazer pesquisas eficazes, avaliar a credibilidade das fontes, questionar informações duvidosas e estar ciente dos vieses e interesses por trás de determinados conteúdos.

Assim, para iniciar esta aula, os alunos responderam a dois questionamentos: Ao usar um site de buscas você costuma acessar quantas páginas? Quantas dessas páginas estão no topo da lista de pesquisa? O objetivo foi levar os estudantes a compreender os mecanismos de busca da internet e aprender a fazer uma classificação de resultados. A atividade procurou

desenvolver a capacidade de análise crítica deles, diante de uma grande quantidade de informações disponíveis e da necessidade de selecionar as fontes mais adequadas para a pesquisa, tudo isso pautado em critérios definidos.

Os estudantes refletiram sobre a questão dos algoritmos, que criam tendências na busca. Analisaram a quantidade de anúncios nos resultados mais perto do topo e a difusão de certas informações por trás da própria organização das buscas. Uma reflexão importante para romper a ideia de que a internet é um ambiente livre de manipulações. Ao contrário, os algoritmos são criados com diferentes interesses e, assim, as informações podem ser direcionadas, como propaganda focada no perfil do usuário.

Após ouvirmos as respostas pessoais das duas perguntas e debatermos as ideias acima mencionadas, utilizamos os chromebooks para dar seguimento a esta aula sobre rede de informações. Em duplas, os estudantes pesquisaram o termo “patrimônio histórico”. Após visualizarem o resultado da pesquisa, fizeram a atividade abaixo:

1. Identificar e quantificar os primeiros 10 *sites* e domínios encontrados na primeira página de pesquisa de acordo com as questões abaixo.
 - a) Quantos são *sites* de domínio “.com”?
 - b) Quantos são *sites* de domínio “.org”?
 - c) Quantos são *sites* de domínio “.gov”?
 - d) Há algum outro tipo de domínio? Em caso afirmativo, qual?
2. Em seguida, identifiquem e quantifiquem os primeiros 10 sites e domínios encontrados na segunda página de pesquisa de acordo com as questões a, b, c e d propostas na atividade 1.
3. Os resultados obtidos foram diferentes? Em caso afirmativo, em sua opinião, por que isso acontece?
4. Como identificar os *sites* com as melhores respostas?
5. Considerando a opinião da dupla, escolha a melhor resposta para o termo procurado e compartilhe com a turma.
6. Leia o artigo “[A história dos domínios de internet](#)” de Isabela Cabral e discuta com os colegas o que esses diferentes domínios significam.

Assim, espera-se que compreendam o funcionamento dos buscadores da internet e sua relação com os conteúdos patrocinados, ou seja, entendam que nem sempre a melhor opção

estará nos primeiros resultados visualizados. Os estudantes foram orientados a ir além da primeira página dos resultados de busca. O reconhecimento da tendência das pessoas de consumirem informações que confirmam suas próprias crenças, conhecida como viés de confirmação, é importante para promover um diálogo saudável e debates informados. Ao entenderem a importância de diversificar suas fontes de informação e considerar diferentes perspectivas, os estudantes podem contribuir para um ambiente online mais inclusivo e colaborativo.

A abordagem de ensinar sobre os diferentes tipos de domínio também é valiosa, pois ajuda os alunos a avaliarem a credibilidade e a confiabilidade das fontes online. Isso os capacita a discernir entre informações confiáveis e questionáveis, promovendo uma pesquisa mais crítica e informada. É interessante notar que as respostas dos alunos variam de acordo com suas próprias experiências de busca, o que demonstra a importância de promover a autonomia e o pensamento crítico em relação à informação online. Essa diversidade de perspectivas pode enriquecer os debates e promover uma compreensão mais abrangente dos temas discutidos.

Na aula seguinte, continuando a etapa 2 do roteiro 3, voltamos ao laboratório de informática e abrimos a atividade com a leitura de um artigo online chamado “Pesquisou um produto na internet e anúncios te perseguem, saiba o motivo” publicado no *site* uol. O conteúdo fala sobre as buscas de certos produtos ou serviços e explica a dinâmica por trás da perseguição desses itens em outros sites e redes sociais, após concluída a pesquisa. Esse artigo aborda o fenômeno bastante comum na experiência de navegação na internet, conhecido como *retargeting* ou *remarketing*. O *retargeting* é uma estratégia de *marketing* digital na qual os anunciantes exibem anúncios específicos para usuários que já demonstraram interesse em um produto ou serviço, geralmente através de suas atividades de busca na *web*.

Embora o *retargeting* possa ser eficaz do ponto de vista do *marketing*, algumas pessoas podem considerar isso invasivo ou excessivamente persistente. No entanto, compreender o mecanismo por trás desses anúncios pode ajudar os estudantes a tomar decisões mais conscientes sobre sua privacidade *online* e a gerenciar suas configurações de privacidade e *cookies* de acordo com suas preferências pessoais. O artigo foi uma leitura útil para que eles entendessem melhor como a publicidade *online* funciona e como as empresas aproveitam os dados dos usuários para direcionar anúncios personalizados. Isso pode ajudá-los a se tornarem mais conscientes de sua própria privacidade e a tomarem decisões mais informadas ao navegar na *web*.

Continuando a atividade de leitura, a proposta foi uma reportagem do ano de 2018, sobre *fake news*, disponível na revista *galileu* com o título “Notícias falsas são 70% mais compartilhadas do que as verdadeiras”. De acordo com a pesquisa, a culpa é do ser humano e a busca por novidades, mesmo que inventadas. A reportagem aborda uma notícia falsa que foi compartilhada no mundo todo pela internet, falava de duas bombas na Casa Branca e que o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, estava ferido.

Uma mensagem da agência de notícias norte-americana Associated Press, em 2013, divulgou a notícia que o então presidente Barack Obama havia ficado ferido em uma explosão. Rápido a notícia se espalhou. De nada adiantou a agência afirmar que a conta havia sido hackeada: apesar da notícia não aparecer em mais nenhum lugar, em minutos US\$130 bilhões sumiram das bolsas de valores do país. (...) Você deve estar pensando que isso é culpa dos “bots”, robôs que se passam por humanos para dispersar notícias, quase sempre falsas, de forma automática. Porém, quando colocaram um algoritmo para filtrar notícias originadas por robôs, encontraram os mesmos resultados. A explicação, segundo os pesquisadores, pode ser bem simples: as novidades atraem a atenção humana. Elas contribuem para a tomada de decisão e encorajam o compartilhamento de informações porque a novidade atualiza o entendimento do mundo.

Essa situação destaca a poderosa influência que as notícias têm sobre o comportamento humano, especialmente quando são novidades ou têm um impacto emocional significativo, como no caso de uma explosão envolvendo o presidente dos Estados Unidos. Mesmo quando a fonte é questionável, a disseminação rápida e ampla de informações falsas pode causar consequências econômicas sérias, como a queda nas bolsas de valores mencionada. Isso ressalta a importância da verificação cuidadosa das fontes de notícias e da conscientização sobre como as informações são compartilhadas e consumidas.

No fim de 2019, um dos *sites* de busca mais acessados no mundo anunciou que mudaria o seu algoritmo de buscas. Até então, quando uma busca por informações era feita, as notícias apresentadas no topo dos resultados estavam relacionadas à quantidade de acessos e aos conteúdos mais atualizados, além de outros fatores. Contudo, a produção, reprodução e compartilhamento de informações de maneira cada vez mais rápida e ágil fez com que muitos artigos, matérias e entrevistas sobre um mesmo tema, por exemplo, sejam produzidos no mesmo período, com base em uma matéria que deu início à cobertura. Para refletir sobre isso, os estudantes responderam duas perguntas: Na opinião de vocês, quais são as diferenças entre ler e interpretar uma informação original e uma informação proveniente de reportagens subsequentes? Em uma escala global, em que bilhões de pessoas têm acesso à internet, de que forma essas diferenças (caso tenham identificado alguma) podem interferir nas relações entre as pessoas?

Na primeira questão, os alunos identificaram diferenças provenientes de reportagens oficiais e subsequentes, tais como: A original tende a ser mais direta e detalhada, fornecendo uma base sólida para entender o assunto em questão. Por outro lado, as reportagens subsequentes podem agregar análises, opiniões e informações adicionais sobre o tema, contextualizando-o e ampliando a compreensão do leitor. Em relação às diferenças, enquanto a informação original tende a ser mais confiável e precisa, as reportagens subsequentes podem apresentar viés editorial, interpretações variadas e até mesmo erros devido à natureza da filtragem e interpretação da informação original. Além disso, as reportagens subsequentes podem se tornar mais sensacionalistas ou distorcidas à medida que são amplamente compartilhadas e reinterpretadas por diferentes fontes.

Na segunda questão, a reflexão que os estudantes trouxeram, aborda que em uma escala global, essas diferenças podem ter um impacto significativo nas relações entre as pessoas. Por um lado, a disseminação rápida e ampla de informações subsequentes pode levar à polarização e à propagação de desinformação, especialmente quando não há verificação adequada das fontes e dos fatos. Por outro lado, a diversidade de perspectivas oferecida pelas reportagens subsequentes pode enriquecer o debate público e promover uma compreensão mais completa e crítica dos eventos e questões em discussão.

Os alunos receberam uma lista com itens para garantir a segurança e veracidade de uma notícia: 1. Em caso de textos antigos, tomar cuidado em relação ao conteúdo; 2. Site desconhecido; 3. Conteúdo patrocinado por empresa; 4. Há no texto informações que parecem alarmantes ou caóticas; 5. As notícias não são pesquisas vinculadas a instituições científicas; 6. As informações não constam em sites oficiais; 7. Trata-se de um texto em tom humorístico ou debochado; 8. O texto elogia muito uma pessoa, instituição ou situação; 9. O texto critica muito uma pessoa, instituição ou situação; 10. A autoria do texto não está identificada; 11. As fontes mencionadas não podem ser acessadas ou identificadas; 12. Conteúdo publicado em perfil falso nas redes sociais.

A conclusão que chegamos após a atividade, é sobre a importância de tomar cuidado para não sermos agentes da propagação de notícias falsas e caluniosas. Para quando usarmos informações adquiridas em ambientes virtuais, saber que a internet não é fonte e sim um meio para adquirirmos informações. Embora seja um bom ponto de partida para pesquisa, o que foi encontrado precisa ser checado e somente depois da verificação pode ser compartilhado.

Na aula seguinte, para fechar os estudos sobre *fake news*, assistimos ao documentário “*Fake news: baseado em fatos reais*” do diretor André Fran e produção da Globo. Três

jornalistas brasileiros percorrem os Estados Unidos, a Rússia e a Macedônia para montar o retrato atual do compartilhamento em massa de notícias falsas. Explorar as origens e motivações por trás da criação de notícias falsas em diferentes contextos culturais e políticos fornece insights valiosos sobre como lidar com esse problema de maneira eficaz.

Além disso, examinar o impacto dessas notícias falsas nas percepções públicas e no processo democrático é crucial para desenvolver estratégias para combater a desinformação. Esse documentário certamente ofereceu uma oportunidade para reflexão crítica sobre como as notícias falsas afetam a sociedade contemporânea e como podemos trabalhar para promover um ambiente de informação mais confiável e transparente. Acredito que os alunos tenham encontrado uma rica fonte de aprendizado e discussão sobre esse tema tão relevante nos dias de hoje.

4.4 ROTEIRO 4 - CRIANDO UM SITE

Na etapa 1 do último roteiro, retornamos ao roteiro 2 - na escola e revisamos o que as turmas consideraram como patrimônio da escola. Muitas informações foram coletadas nas entrevistas, porém no roteiro 4 foi o momento de verificar quais delas seriam selecionadas.

Trabalhar o tema das mídias digitais no roteiro 3 foi uma abordagem muito relevante, dada a sua influência significativa na forma como nos comunicamos e compartilhamos informações hoje em dia. É importante que os estudantes compreendam a importância de um tratamento cuidadoso das mensagens veiculadas nas redes sociais e em outras plataformas online. Isso envolve não apenas a responsabilidade de verificar a veracidade das informações antes de compartilhá-las, mas também considerar o impacto que essas mensagens podem ter nas outras pessoas e na sociedade em geral. Educar os alunos sobre como discernir entre fontes confiáveis e não confiáveis, entender o contexto das informações e avaliar criticamente o conteúdo é fundamental para promover uma participação consciente e responsável na era digital.

Já na etapa 2 do roteiro 4, os alunos organizaram as informações para o *site* considerando os estudos das mídias digitais. Entramos em consenso quanto a plataforma para hospedar o blog, utilizamos alguns critérios para a escolha: permitir inclusão de imagens e textos; ser de fácil utilização, sem exigir dos usuários conhecimentos avançados em programação; ser gratuito para o desenvolvedor de conteúdo e os usuários.

O site para acesso a esses conteúdos está disponível no endereço eletrônico: <https://sites.google.com/view/memoriasrubenberta>. Na etapa 3 foi o momento de sistematizar as informações coletadas que entrarão no *site*. Este trabalho será constantemente atualizado e não será concluído neste momento.

Ainda será necessário incluir outros materiais à medida que os alunos vão interagindo e participando de novas experiências. Como a atividade recente de visita ao Museu do *Hip Hop* em Porto Alegre, no dia 04 de julho de 2024. O Museu é o primeiro da cultura *Hip Hop* na América Latina e conta com *workshop*, oficinas, shows, biblioteca, estufa agroecológica, quadra de basquete, além de acervos e salas temáticas dedicadas ao tema. Após a visitação, debatemos em aula as semelhanças e diferenças do Museu do *Hip Hop* para outros museus tradicionais. Uma semelhança destacada foi a função educativa e cultural, pois ambos têm como objetivo educar o público e preservar a cultura.

Outra similitude são as exposições, no Museu do *Hip Hop* encontramos os elementos como grafites, roupas, e registros históricos que fazem parte desta cultura, já nos museus tradicionais este material pode variar de arte e história à ciência e tecnologia. A analogia também é encontrada na interatividade nestes espaços, experiências e atividades que envolvam a participação do público. Quanto às diferenças, os estudantes reconheceram o foco temático, a abordagem cultural, as coleções e exposições, o contexto histórico e o público alvo. O Museu é focado na cultura e história do *hip hop*, incluindo elementos como *graffiti*, *breakdance*, rap e *DJing*. Muitas vezes, este lugar tem uma abordagem mais informal e contemporânea, refletindo a natureza dinâmica e atual da cultura *hip hop*. Nas coleções têm itens como roupas de artistas, discos, grafites, e outros elementos relacionados ao movimento *hip hop*. Relativamente novo em comparação com muitos museus tradicionais e focado na interatividade com o público jovem, principalmente.

5 SELEÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS

Durante a pesquisa, os estudantes selecionaram as fontes - imagens, áudios e textos - que expressam a identidade e história do Colégio Ruben Berta. Através de critérios expostos na atividade abaixo, foram selecionados os patrimônios. O objetivo na ficha 1 era responder as perguntas, avaliando os critérios de relevância, autenticidade, diversidade e data. A fonte deveria ter uma relação direta com a história e a identidade do Colégio Ruben Berta, fornecendo informações significativas que ajudassem a entender o contexto histórico e

cultural. Outro fator importante era o material ser autêntico e confiável. Além disso, era necessário diversificar os tipos de fontes para obter uma visão completa e multifacetada da história do colégio. A diversidade de formatos (imagens, áudios, textos) enriquece a pesquisa. A data de criação da fonte deveria ser considerada para compreender o contexto histórico em que foi produzida. Fontes de diferentes períodos oferecem uma perspectiva mais abrangente sobre as mudanças e permanências no local.

FICHA 1 - MATERIAL COLETADO PARA A PESQUISA

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Esse material representa o Colégio e a Comunidade escolar?		
Ele é único ou bastante raro em relação às suas características e expressão?		
Ele faz parte da história do lugar?		

FICHA 2 - DEFINIÇÃO DA ESCOLHA DAS FONTES

ITEM ESCOLHIDO	PATRIMÔNIO
Tipo de dado coletado (imagem, áudio, texto)	
Critério de escolha 1	
Critério de escolha 2	
Decisão do grupo	

Figura 10 - Atividade de seleção das Fontes. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

A ficha 2 era a etapa seguinte, após a coleta de dados, os estudantes precisavam selecionar os itens mais importantes, analisando cada fonte e escrevendo os critérios de escolha, tais como: contexto histórico, conteúdo e impacto. Perguntas relevantes deveriam ser feitas às fontes com base nos critérios escolhidos: O que a fonte revela sobre o período em que foi criada? Qual é o contexto histórico em que ela se insere? A fonte fornece informações sobre eventos, mudanças ou períodos específicos na história do colégio? O que o material

contém em termos de informações e dados? Quais são os principais temas e mensagens apresentados? A fonte fornece detalhes específicos sobre a identidade, a cultura e as atividades do colégio? Qual foi o efeito ou a influência no colégio e na comunidade escolar? Esse item teve um impacto significativo em eventos, decisões ou mudanças dentro do colégio?

FICHA 1 - MATERIAL COLETADO PARA A PESQUISA

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Esse material representa o Colégio e a Comunidade escolar?	X	
Ele é único ou bastante raro em relação às suas características e expressão?		X
Ele faz parte da história do lugar?	X	

FICHA 2 - DEFINIÇÃO DA ESCOLHA DAS FONTES

ITEM ESCOLHIDO	PATRIMÔNIO
Tipo de dado coletado (imagem, áudio, texto)	Imagem
Critério de escolha 1	despiste da escola
Critério de escolha 2	data 1964
Decisão do grupo	Não, pois há outras fotos parecidas

Figura 11 - Exemplo de uma fonte que não foi escolhida. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir das escolhas, montamos a seleção de fontes. As diversificadas fotografias incluem imagens da fundação da escola, primeiros edifícios, salas de aula, documentos históricos, diretores, professores e outros membros importantes da comunidade escolar, alunos, pais e funcionários em diferentes épocas. Imagens de alunos em atividades acadêmicas e eventos culturais e esportivos ao longo das décadas.

O Colégio Ruben Berta foi fundado em 08 de março de 1966, inicialmente com turmas de Ensino Fundamental I. Seu patrono, Ruben Berta (1907–1966), foi uma figura importante na história da aviação brasileira, conhecido especialmente por sua liderança na Varig (Viação Aérea Rio-Grandense), a primeira companhia aérea comercial do Brasil. Na imagem abaixo, pessoas reunidas com um semblante sério, trajes sociais e óculos escuros

fazem parte de um evento. O homem segurando o chapéu na mão, em sinal de respeito e outro fumando no local, chamou a atenção dos alunos. Ainda é possível observar uma estudante com meias brancas longas e sapatilhas, além dos penteados femininos característicos da década de sessenta.

Na foto seguinte, um quadro do patrono está em destaque. Não temos informação do contexto, se foi na escola ou na Varig, ou ainda em outro local, mas as duas fotos foram tiradas na mesma ocasião. Comparando com outras imagens chegamos a hipótese de homenagem ao Ruben Berta, provavelmente no contexto de seu falecimento na década de sessenta. Esse quadro atualmente está exposto na biblioteca da escola e chama a atenção dos alunos por ser em preto e branco.



Figura 12: Pessoas reunidas. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d).



Figura 13: Quadro do Ruben Berta. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d)



Figura 14: Passeio dos alunos à Varig. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d).

Na fotografia acima, os estudantes do Colégio Ruben Berta aparecem durante uma visita à empresa Varig, vestindo uniformes com o símbolo da companhia aérea. Embora a data exata não seja conhecida, acredita-se que o registro tenha sido feito entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970. Essa estimativa é baseada na comparação com outras imagens do mesmo período, todas em preto e branco, além do estilo de vestimenta observado nas professoras, que era típico dessa época. Esse estilo incluiu uniformes formais e discretos, o que reflete uma época marcada por regras mais rígidas em relação à vestimenta escolar e ao papel das instituições na formação dos estudantes.



Figura 15: Desfile cívico. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d).

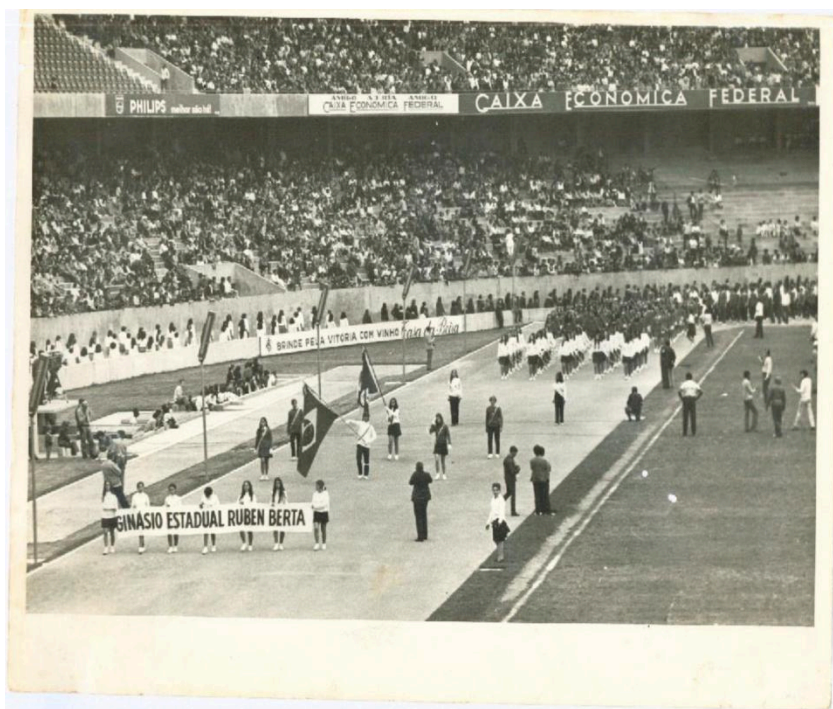


Figura 16: Desfile cívico. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d).

Nas imagens acima, o Ginásio Estadual Ruben Berta (primeiro nome da escola), participa do desfile cívico de 07 de setembro de 1970. No contexto destas escolhas, abordei brevemente que este período compreende a ditadura militar. Esses desfiles faziam parte de uma estratégia do governo militar para promover o nacionalismo, o patriotismo e o controle ideológico sobre a sociedade, particularmente as crianças e os jovens. O regime militar no Brasil buscava fortalecer a ideia de unidade nacional e lealdade ao Estado. A promoção do civismo era uma das ferramentas para legitimar o governo e reforçar valores como disciplina, obediência e amor à pátria. Os desfiles cívicos, que já existiam anteriormente, ganharam uma dimensão muito maior durante a ditadura, sendo utilizados como forma de demonstração de poder e ordem. A participação de escolas públicas e privadas nos desfiles tornou-se praticamente obrigatória. Estudantes, professores e funcionários eram mobilizados para esses eventos. As escolas eram instruídas a treinar seus alunos para marchar e carregar bandeiras ou outros símbolos nacionais. Após o fim da ditadura, em 1985, os desfiles cívicos perderam seu caráter obrigatório e seu simbolismo militarista. Embora muitos desfiles de 7 de setembro continuem a acontecer em várias partes do Brasil, especialmente em escolas públicas, eles são menos frequentes e não têm o mesmo peso ideológico que tinham durante o período militar.



Figura 17: Primeira árvore plantada. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d).

Na década de 1970, o pátio do Colégio Ruben Berta foi palco de um evento significativo: o plantio da primeira árvore, mostrada na imagem acima. Este ato, simbolizando a vida e o conhecimento, reuniu a equipe escolar em um momento de celebração e união. Registrado pelas lentes de uma câmera colorida, uma novidade na época, o evento permanece vivo na memória do colégio através da fotografia.

FICHA 1 - MATERIAL COLETADO PARA A PESQUISA

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Esse material representa o Colégio e a Comunidade escolar?	X	
Ele é único ou bastante raro em relação às suas características e expressão?	X	
Ele faz parte da história do lugar?	X	

FICHA 2 - DEFINIÇÃO DA ESCOLHA DAS FONTES

ITEM ESCOLHIDO	PATRIMÔNIO
Tipo de dado coletado (imagem, áudio, texto)	FOTO
Critério de escolha 1	UNICIDADE
Critério de escolha 2	1ª ÁRVORE DO COLÉGIO
Decisão do grupo	SIM

Figura 18: A ficha que o grupo preencheu para a escolha da foto acima. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

No documento abaixo, percebe-se um agradecimento pela participação da banda da escola no evento “criança na avenida” ocorrido em 04 de outubro de 1987 e assinado pelo representante da delegacia de educação do Estado do Rio Grande do Sul. As Delegacias de Ensino no Brasil, atualmente são as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), são responsáveis pela supervisão e administração das escolas em suas respectivas regiões. A década de 1980 foi marcada por um processo de redemocratização no Brasil, e as atividades culturais nas escolas, incluindo as bandas escolares, eram incentivadas com a aquisição de uniformes e equipamentos, além de concursos regionais e a participação em desfiles cívicos.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Df. 1ª DE/CP/GFAC/1189-87 Porto Alegre, 15 de outubro de 1987.

Senhor Diretor:

Temos a satisfação de cumprimentá-lo e, na oportunidade, agradeceremos a Vossa Senhoria a apresentação da Banda dessa Escola, que muito abrilhantou e contribuiu para o sucesso do Evento "Criança na Avenida", promoção desta Delegacia de Educação e Associação Cristovão Colombo, realizado no dia 04 do corrente mês, comemorando o Dia da Criança.

Atenciosamente,

Antônio Tschio
Delegado da 1ª DE
Secretaria da Educação.

Alvina Themis Silveira Lara
Chefe Pedagógico 1ª DE/SE

Ilmo. Sr.

Prof. Nei Kissmann

M. D. Diretor da Esc. Est. de 1ª e 2ª Graus Ruben Berta
N/C

SP/GS

Figura 19: Documento enviado pela Delegacia de Ensino. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (1987).

FICHA 1 - MATERIAL COLETADO PARA A PESQUISA

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Esse material representa o Colégio e a Comunidade escolar?	X	
Ele é único ou bastante raro em relação às suas características e expressão?	X	
Ele faz parte da história do lugar?	X	

FICHA 2 - DEFINIÇÃO DA ESCOLHA DAS FONTES

ITEM ESCOLHIDO	PATRIMÔNIO
Tipo de dado coletado (imagem, áudio, texto)	documento oficial
Critério de escolha 1	comunicação da Delegacia de Ensino
Critério de escolha 2	Registro de incentivo às bandas escolares
Decisão do grupo	sim

Figura 20: A ficha para a escolha do documento acima. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.

Outra fonte importante para os nossos estudos, foi o jornal sobre a vida e obra de Ruben Berta, o patrono da escola. Esta edição especial é datada de 15 de novembro de 1966, um dia após a morte do empresário por ataque cardíaco em seu escritório, no aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. A notícia aborda a sua importância no Brasil, conhecido por sua liderança na companhia aérea Varig, onde implementou diversos modelos de gestão e valorização dos funcionários, segundo esta fonte. O jornal trouxe uma reportagem especial dedicada somente ao Ruben Berta. A discussão acerca dessa fonte, se concentrou na ideia de que a preservação das memórias é fundamental para a continuidade da identidade coletiva, contudo, é igualmente importante se preocupar com os processos de construção, pois a História não é estática. A memória é sempre reconstituída de acordo com as vivências e perspectivas de cada época. Portanto, é necessário compreender como essas memórias são construídas, ressignificadas e transmitidas ao longo do tempo. A construção de uma narrativa sobre o Ruben Berta na escola se construiu através da escolha de certos aspectos da sua biografia, porém, o patrimônio escolar não é o nome da escola ou a figura do patrono, mas todo o conjunto de elementos – históricos, culturais, simbólicos – que constituem a identidade desta instituição. Nesse caso, o nome da escola deixa de ser apenas uma formalidade e passa a ser um ponto de reflexão crítica sobre escolhas feitas no passado e que talvez no presente não se conectem com a comunidade escolar. Abaixo, a ficha de escolha do grupo e a foto da capa do jornal.

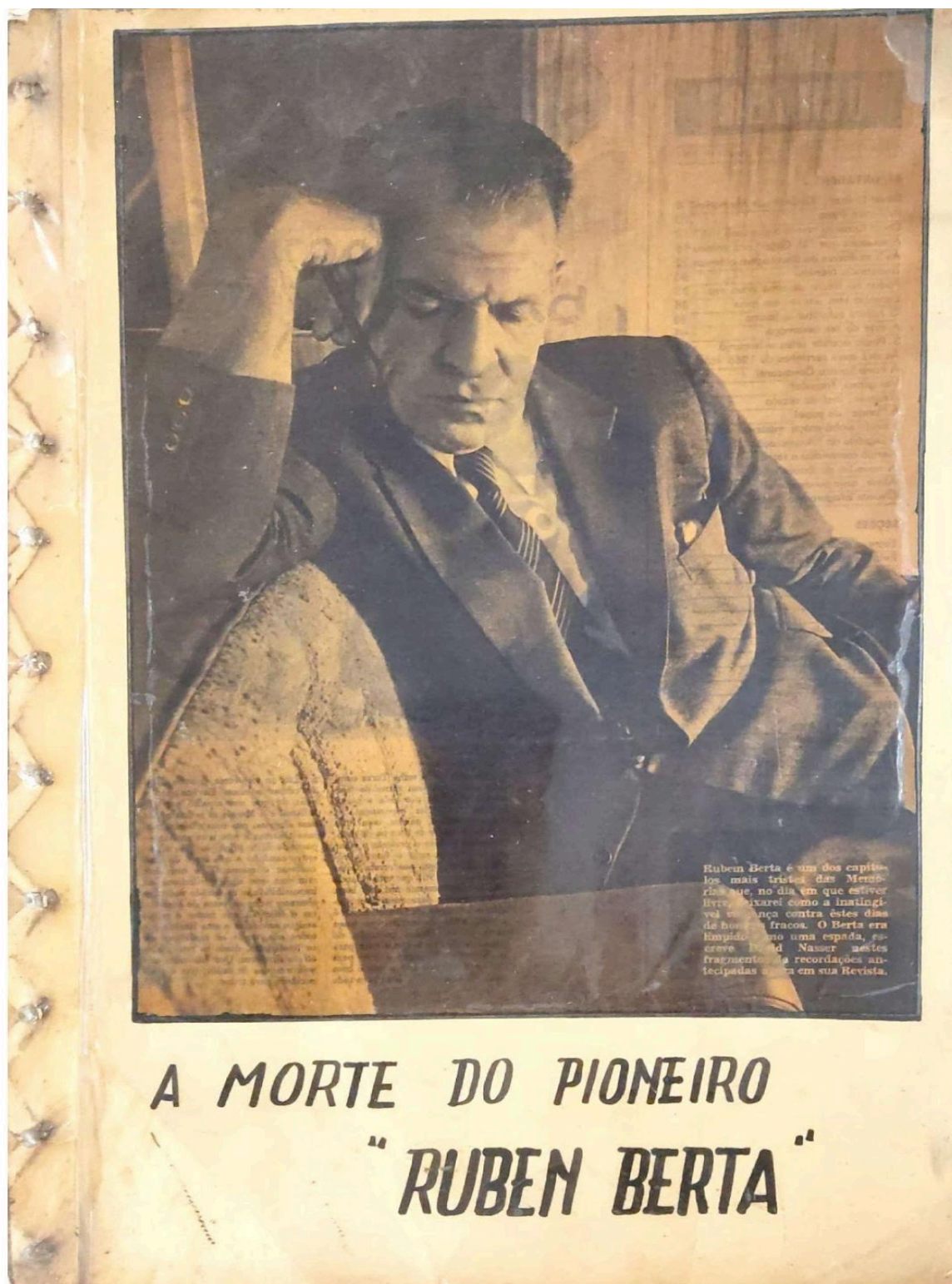
FICHA 1 - MATERIAL COLETADO PARA A PESQUISA

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Esse material representa o Colégio e a Comunidade escolar?	X	
Ele é único ou bastante raro em relação às suas características e expressão?	X	
Ele faz parte da história do lugar?	X	

FICHA 2 - DEFINIÇÃO DA ESCOLHA DAS FONTES

ITEM ESCOLHIDO	PATRIMÔNIO
Tipo de dado coletado (imagem, áudio, texto)	Jornal
Critério de escolha 1	temporalidade
Critério de escolha 2	Reportagem sobre vida e obra Ruben Berta
Decisão do grupo	Sim

Figura 21: A ficha para a escolha do jornal abaixo.. 2023. Fonte: Arquivo pessoal.



Digitalizado com CamScanner

Figura 22: Jornal com a notícia do falecimento de Ruben Berta. 1966. Fonte: Arquivo pessoal.

Sobre a importância das bandas escolares nos currículos das escolas estaduais, abaixo destaco imagens de um desfile que deve ter ocorrido entre o final da década de oitenta e início da década de noventa no pátio da escola. O ginásio fechado que existe hoje neste local, ainda não havia sido construído, as imagens já estão coloridas, por isso o recorte temporal sugestionado. Esses eventos costumavam ser momentos de celebração e integração, destacando a importância da banda não apenas na formação dos alunos, mas também na construção de laços comunitários.



Figura 23: Desfile da banda escolar. Fonte: Arquivo do Colégio Ruben Berta (s.d).

Estes são alguns exemplos de fontes escolhidas pelos estudantes e utilizadas para a pesquisa, as imagens são diversificadas e retratam diferentes períodos e atividades realizadas na escola e fora dela. A análise foi feita com cerca de duzentas fotografias disponíveis, destas, pelo menos trinta foram selecionadas pelos alunos para fazer parte do blog de memórias. A escolha dos oito registros para a presente pesquisa foi feita por mim e retirada das seleções dos estudantes. O meu critério de escolha foi pela antiguidade e diversidade das informações de registro, assim como dos locais das imagens e contexto histórico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, inserido na linha de pesquisa sobre saberes históricos no espaço escolar, teve como objetivo principal analisar como o patrimônio imaterial pode ser integrado no ensino de história e como as mídias digitais podem ser utilizadas para preservar e divulgar esse patrimônio, promovendo um diálogo entre a história local e a experiência dos alunos. Os resultados mostram que as mídias digitais oferecem um meio eficaz para a preservação e divulgação do patrimônio imaterial escolar. Através da criação de projetos digitais, como exposições virtuais, os alunos foram capazes de explorar e documentar aspectos significativos da história escolar e local. Além disso, a pesquisa revelou que os estudantes desenvolveram uma compreensão mais profunda do passado do espaço escolar e da sua própria relação com ele, ao se envolverem ativamente na construção do conhecimento histórico. A utilização de ferramentas digitais não só enriqueceu o ensino de história ao permitir a conexão entre o passado e o presente, como também empoderou os alunos a se tornarem agentes ativos na preservação da história escolar. Este estudo contribui para a compreensão de como o patrimônio imaterial pode ser integrado no currículo escolar, destacando a importância de um ensino que valorize a história local e a identidade cultural dos alunos.

A proposta desta pesquisa foi explorar possibilidades presentes na educação patrimonial e dialogar com a instituição educacional, utilizando a tecnologia como ferramenta. Os objetivos alcançados de forma geral com este projeto incluíram: reconhecer e valorizar patrimônios materiais e imateriais da escola; identificar e discutir os conceitos de patrimônio desde o seu surgimento até o presente; preservar e divulgar a memória do colégio por meio de diferentes mídias; analisar criticamente informações e conhecer a história local; aprender a produzir um blog; estabelecer a ideia de pertencimento no local onde vivem e estudam; analisar as transformações tecnológicas no contexto da preservação do patrimônio

imaterial. Através deste trabalho, eu percebi que quando os alunos têm a oportunidade de escolher tópicos de interesse pessoal, sua motivação intrínseca para aprender aumenta, levando a uma participação mais ativa e a um desejo contínuo de aprender.

O projeto oferece uma abordagem educacional que transcende a memorização de fatos, incentivando a aplicação do conhecimento. Outra abordagem importante foi a utilização ética das linguagens audiovisuais, bem como a coleta e análise de dados para garantir a confiabilidade e precisão das informações apresentadas não só no *site*, mas também nas redes sociais, evitando o compartilhamento de *fake news*. Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer diferentes patrimônios históricos através de visitas virtuais e também refletiram sobre a reconstrução de alguns patrimônios que foram danificados.

Além disso, o trabalho integrou a educação patrimonial com o ensino de história de forma a valorizar a experiência e a vivência dos educandos com o patrimônio cultural, transformando a maneira como eles se conectam hoje com este local. Outra integração realizada foi entre o ensino de história e os museus físicos e virtuais, destacando a sua importância na educação e na forma como os alunos interagem com o conhecimento histórico e cultural. Este trabalho de pesquisa também demonstrou uma abordagem eficaz para o desenvolvimento das competências gerais 4, 5 e 7, da Educação Básica. Competências fundamentais em comunicação, tecnologia e argumentação. Através das atividades propostas, os estudantes tiveram a oportunidade de aprimorar habilidades para sua formação acadêmica e pessoal.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a amostra restrita, composta por quarenta estudantes do Ensino Médio, o que pode não refletir a diversidade total do contexto escolar. Além disso, a dependência das tecnologias digitais apresentou desafios para a escola com recursos limitados. Muitas vezes não tinha internet disponível para a execução das atividades planejadas. Outro fator que influenciou na etapa final, e consequentemente não conseguimos concluir o blog como gostaríamos, foi a enchente no mês de maio de 2024, no Rio Grande do Sul. Este desastre natural causou o fechamento da escola por trinta dias.

Outro fator que implicou em menos materiais de estudo, foi o descarte de fotografias, jornais de época entre outras fontes históricas, utilizadas no início do trabalho e que não foi possível a colocação no *site*. Esses arquivos eram armazenados na biblioteca, e no mês de janeiro de 2024, quando estávamos em férias, este espaço foi desativado e transferido para outro local. No retorno às aulas, em fevereiro de 2024, não encontrei algumas fontes históricas utilizadas na pesquisa. Ao questionar a gestão escolar, da qual também faço parte

como vice-diretora, fui informada de que alguns itens foram descartados por não caber no novo espaço e por ser material muito antigo, a pedido da diretora e sem consultar a opinião dos demais membros da equipe. Este trabalho surgiu da necessidade de preservar a história escolar para as gerações futuras e este fato veio para confirmar a importância dele. Em síntese, este estudo confirmou o potencial das mídias digitais como ferramenta para a preservação e promoção do patrimônio escolar. Apesar das limitações enfrentadas, a pesquisa proporcionou valiosos *insights* sobre a integração da tecnologia no ensino de história e a importância da preservação do patrimônio imaterial.

Quando o projeto foi criado, a ideia original era a construção de um museu virtual, porém, com o início dos trabalhos, esbarrei com as dificuldades de conhecimento técnico e legislativo para tal feito. Também havia a proposta de ser um memorial, mas após o exame de qualificação ficou claro que seria igualmente dificultoso e poderia atrasar a pesquisa, passando do tempo determinado para a conclusão. Conversando com os alunos, chegamos ao consenso de que um *site* de memórias seria o ideal e atingiria os objetivos da educação patrimonial com a mídia digital, de uma forma mais fácil, segura e no tempo previsto.

O projeto realizado no Colégio Ruben Berta não só alcançou seus objetivos, mas também abriu diversas possibilidades para o avanço e aprofundamento da pesquisa em educação patrimonial e uso de mídias digitais. Olhando para o futuro, há várias direções promissoras a serem exploradas: Integração com outros campos do saber, como linguagens e tecnologia da informação, pode proporcionar uma visão mais abrangente para um trabalho posterior; O desenvolvimento e a incorporação de novas tecnologias digitais, como realidade aumentada e virtual, podem enriquecer a experiência de aprendizagem e oferecer novas formas de interação com o patrimônio, tecnologias digitais mais avançadas podem permitir simulações mais imersivas e interativas, promovendo uma compreensão mais profunda dos contextos históricos e culturais; Incentivar os alunos a explorar e contar novas histórias e perspectivas sobre o patrimônio cultural pode enriquecer a pesquisa e promover uma maior diversidade de vozes; Estabelecer parcerias com instituições culturais, museus e organizações comunitárias pode proporcionar novos recursos e oportunidades para pesquisa e aprendizado, colaborações externas podem trazer novas perspectivas e enriquecer o projeto com conhecimentos especializados e experiências práticas.

Esta pesquisa comprovou que o patrimônio, tanto material quanto imaterial, é fundamental para o ensino de História, pois torna o aprendizado mais concreto ao permitir que os alunos interajam com vestígios reais do passado, tornando a história mais tangível. Além

disso, fortalece a identificação com a comunidade, ao evidenciar que os estudantes fazem parte de uma narrativa histórica maior. Também estimula o pensamento crítico, promovendo reflexões sobre memórias, disputas de narrativas e a construção da identidade cultural. Dessa forma, o patrimônio cultural pode ser um eixo estruturante da disciplina de História, sendo analisado em diferentes contextos e períodos, como demonstrado neste trabalho. O estudo evidencia que é viável tratar do patrimônio no Ensino Médio nas aulas de História, explorando aspectos como a trajetória do aluno, a história regional, a história da instituição de ensino, a história nacional e a história mundial. O patrimônio material, enquanto reflexo de um passado que ainda deixa sua marca no presente, pode ser investigado ao revelar os processos históricos que o constituíram e os sentidos atribuídos a essa materialidade no contexto contemporâneo. Conforme explica Maria Teresa Cunha (2015).

Objetos e documentos frutos da cultura material da escola, presentes nestes acervos escolares criam, preservam e salvaguardam lugares de memória transpassados por continuidades e descontinuidade e, ao mesmo tempo, abrem diferentes possibilidades para o estudo das relações entre escola, alunos, professores, diretores a partir de múltiplas materialidades. São, igualmente, campo de apropriações e criação, podendo conjugar espaço à memória, tanto escolar, quanto pessoal e familiar, construídas em múltiplas temporalidades (CUNHA. 2015. pag. 294)

O trecho citado aborda a importância dos objetos e documentos presentes nos acervos escolares, que fazem parte da cultura material da escola. Esses itens, como fotos, livros, uniformes, e outros materiais físicos, não são apenas objetos inanimados, mas representam espaços de memória. Eles ajudam a refletir sobre o passado, ao mesmo tempo em que revelam as continuidades e descontinuidades da história da escola ao longo do tempo. Além disso, o texto sugere que esses materiais abrem possibilidades de estudo sobre as relações entre os diferentes membros da comunidade escolar (alunos, professores, diretores) e como essas relações se expressam por meio de diversas materialidades (os próprios objetos, documentos, imagens, etc.). Esses acervos não são apenas patrimônio escolar, mas também se tornam um campo onde as memórias pessoais e familiares podem ser entrelaçadas com a história da escola. Ou seja, a memória de cada aluno, professor ou família pode se conectar à história da escola e ser reconstruída por meio de objetos que têm significados próprios para cada indivíduo.

Além destas possibilidades, a proposta prática para este trabalho é reunir todas as fontes e construir o Museu Escolar Ruben Berta, o qual foi criado um projeto de minha autoria que prevê a continuidade desta pesquisa de forma física em um espaço da escola. A

preservação do patrimônio enfrenta desafios, especialmente quando se trata de equilibrar a autenticidade e integridade cultural com a necessidade de adaptação às mudanças sociais e ambientais. Um museu na escola, oferece um acervo rico e variado, que pode complementar os materiais didáticos utilizados em sala de aula e favorecer a pesquisa e a análise crítica das informações. Além disso, este espaço pode ser um importante estímulo para a reflexão crítica sobre as narrativas históricas dominantes, bem como para a produção de novas narrativas a partir de perspectivas e experiências diversas.

A curadoria do museu escolar incentiva os alunos a refletirem sobre a importância da preservação da memória e a investigarem a história com base em fontes primárias, promovendo o pensamento científico e investigativo. A educação patrimonial proporciona aos alunos o contato com monumentos, objetos históricos e manifestações culturais que fazem parte de sua identidade e da história da comunidade escolar. A criação do museu e de exposições estimulam a comunicação visual e verbal, ensinando os alunos a expressar o conhecimento histórico e cultural por meio de objetos, textos explicativos, apresentações e performances. Trabalhar neste projeto de educação patrimonial e museológico no ambiente escolar exige que os alunos colaborem entre si e com a comunidade, aprendendo a respeitar a diversidade cultural e a trabalhar em equipe. A educação patrimonial é fundamental para o desenvolvimento do senso de responsabilidade dos estudantes em relação à preservação da cultura e do patrimônio histórico, incentivando a cidadania ativa e o compromisso com a memória coletiva.

O futuro da pesquisa neste campo promete não só aprofundar o entendimento sobre patrimônio cultural, mas também adaptar e inovar em resposta às novas demandas educacionais e tecnológicas. A continuidade e o desenvolvimento do projeto abrirão novas portas para a exploração e a aplicação do conhecimento em contextos diversos e dinâmicos. O que ficou dessa pesquisa é a compreensão de que a História não é apenas uma disciplina de transmissão de fatos, mas também um processo de construção de memória e identidade, especialmente no contexto local. Além disso, o impacto está na capacidade de despertar um interesse genuíno pelos conteúdos estudados e na formação de um vínculo mais forte entre o aluno e a história. Essa experiência deixa para o ensino de história uma nova perspectiva sobre como o patrimônio e a cultura digital podem ser aliados poderosos na construção do conhecimento histórico.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Renata O.; REIS, Marina G. dos. O processo de patrimonialização e a cibercultura: mobilização no ciberespaço através de grupos na rede social Facebook. *Revista comunicação e informação*, UFG, Goiânia, v.17, n. 1, p. 21-35, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/27994/16823>. Acesso em: 23 abr. 2022

ALVES, Camila Rola. Bens Culturais e Educação Patrimonial no Município do Rio Grande/RS: subsídios ao ensino da História Local. Dissertação (Mestrado Profissional em História) –Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2019.

ARAUJO, Eliane. Internet e redes sociais como ferramentas de mobilização. Rede Mobilizadores, 2016. Disponível em: www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Cartilha-Redes-Sociais-e-Mobilizacao.pdf. Acesso em 15 jan. 2023.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Museu virtual, prática docente e ensino de história: apropriações dos professores e potencialidades de elaboração de um museu virtual orientado ao visitante. In: IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História, 2011, Florianópolis. Anais do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 1-11.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, Brasília, mai./jun. 2013, p. 89-117.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro. Zahar. 2005.

BBC. Destruição do EI em Palmira foi menor do que se esperava. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160328_siria_estado_islamico_palmira_fd. Acesso em: 19 out. 2023.

BNCC (Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

BORGES, Jorge Luis. Ficções. São Paulo: Editora Globo, 7ª. ed. 1997. p. 109-115.

BRASIL. Lei nº 11904, de 14 de janeiro de 2009. Estatuto de Museus. Brasília, DF: Presidência da República, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 30 jun. 2023.

BOAS, Franz. Antropologia cultural. Org. CASTRO Celso. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrílica revisitada e a branquidade, 2014. Revista da ABPN, v. 6, n. 13, mar.-jun., 2014. pp. 88-106. Disponível em: <https://is.gd/m0bkUH> . Acesso em: 10 mai. 2022.

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p.37.

CARMO, Josué Geraldo Botura do. Novas tecnologias em educação. [S.l.], 2017. p.157. E-book.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (orgs.). El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana / Siglo del Hombre, 2007, pp. 93-126.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 1982.

CLACSO, 2005. p. 80-87. WALSH, Catherine (ed.). Pedagogías Decoloniales: Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e(re)vivir. Quito: Abya-Yala, 2017. (Serie Pensamiento Decolonial). t. 2.

COSTA, Marcella Albaine Farias da. Ensino de história e historiografia escolar digital. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Acervos escolares: olhares ao passado no tempo presente. Revista de Educação, v. 21, n. 1, p. 294, 2015. Disponível em DOI: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321641513019.pdf>. Acesso em 19 fev. 2025.

DIAS, Ana Carolina da Silva Galvão. Uma proposição didática de inclusão da história local no currículo de história do Ensino Médio. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2019.

FÁBIO, André C. Uma visita virtual ao Museu Nacional antes do incêndio. Jornal Nexo, 15 de dez 2018. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/12/15/Uma-visita-virtual-ao-Museu-Nacional-antes-do-incendio>. Acesso em 05 jan. 2023.

FERRAZ, Lucas. O desastre em Florença que pode servir de lição para preservação do patrimônio histórico do Brasil. BBC News Brasil. 23 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45562027>. Acesso em 15 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.

FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir e Elaborar (1914). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12. p. 191-204.

GUGGENHEIM, museu. Disponível em: <https://www.guggenheim.org/audio/track/dropping-a-han-dynasty-urn-by-ai-weiwei>. Acesso em 13 de fev. 2023.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Investigações em educação patrimonial e ensino de história

(2015-2017). CLIO: Revista de Pesquisa Histórica -CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol. 38, p. 107-127, Jan-Jun, 2020.

GONTIJO, Rebeca. Identidade Nacional e ensino de história: A diversidade como “Patrimônio Sociocultural”. In: ABREU, M; SOIHET, R. (org) Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. 2009.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. Lugar de negro. Editora Marco Zero, 1982, p. 14.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HERNANDEZ, Fernando. Aprender com Projetos: Um Desafio para o Professor. São Paulo: Artmed, 1998. Pág.10.

INCÊNDIO atinge Museu da Língua Portuguesa em São Paulo. G1, 21 dez.2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/incendio-atinge-museu-da-lingua-portuguesa-e-m-sp-dizem-bombeiros.html> . Acesso em: 13 de jun. 2023.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS - PORTUGAL. DEFINIÇÃO: Museu. 19 mar. 2015. Disponível em: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu> Acesso em 13 de jun. 2023.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LÍNGUA PORTUGUESA, Museu da. Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br> Acesso em 8 de jun. 2023.

LOWENTHAL, David. The Past is a Foreign Country. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MIRO, Thiago. Tutorial: como criar um podcast. Mundo podcast, 18 fev. 2013. Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/podcasteando/tutorial-como-criar-um-podcast>. Acesso em 15 de mai. 2022.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista. São Paulo, N. Ser. v.2. 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2001.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Rio de Janeiro: Unic Rio, 2009. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf> Acesso em 13 jan.2023.

PATRÍCIO, Nuno. Patrimônio Mundial em risco agora em 3D através do Google Arts & Culture. In: RTP NOTÍCIAS, Lisboa, 17 abr. 2018. Disponível em:

https://www.rtp.pt/noticias/tecnologia/patrimonio-mundial-em-risco-agora-em-3d-atraves-do-google-artsculture_n1070556. Acesso em: 13 de jun. 2023.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, v. 15, n. 28. p. 113-128, 2008.

PINTO, H. Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Portugal, 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1974>. Acesso em: 05 de jul. 2022.

QUADROS, Adriana de Souza. A Minha Escola Também tem História: uma proposta de ensino de história através do patrimônio com turmas do 6o ano do ensino fundamental final da Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes (Porto Alegre/RS). Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, 99f.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. 1 ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de ciencias socias (CLACSO), 2005. p. 234).

MDIG. Antes e depois do Daesh: desoladoras fotos de monumentos históricos destruídos na Síria. 2016. Disponível em: <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=37422>. Acesso em 08 de out. 2023.

RIBEIRO, Deyse. A enchente de Florença - como tudo começou. [s.d.]. Disponível em: <https://passeiosnatoscana.com/a-enchente-de-florenca-de-1966/>. Acesso em 17 de out. 2023.

ROCHA, Alexandre. Em Homs e Palmira, a vida após a destruição. Agência de notícias Brasil-Árabe.[S.L.:s.n.], 12 out. 2019. Disponível em: <https://anba.com.br/em-homs-e-palmira-a-vida-apos-a-destruicao/>. Acesso em 17 de jan. 2023.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. In: ENCONTRO REGIONAL (ANPUH-MG), 18, 2012, Mariana. Anais [...]. Uberaba: Anpuh-MG, 2012. Disponível em: https://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_Arquivo_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significados. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI. 2015, p. 29.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: vozes, 2004.

TEIXEIRA, Olga Suely. A História Local como um caminho para o ensino significativo de história nos anos iniciais. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História.)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018 88 f.

TERRA. Alemanha: destruição da igreja Frauenkirche completa 68 anos. 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/alemanha-destruicao-da-igreja-frauenkirche-completa-68-anos,108d8c2804fcc310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 19/10/2023.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História. Curitiba: Huya, 2016, p. 86-87.

UCHA, Leonardo Borghi. Memórias em Roda: Proposições para decolonizar aulas de história em uma escola na periferia de Porto Alegre. In: SCHMIDT, Benito; PACIEVITCH, Caroline; BAUER, Caroline. Ensino de História: diferenças e desigualdades. Coleção (In)docências. Vol. 1. Brasília: CAPES-PROFHISTÓRIA; São Leopoldo: Oikos, 2021. pp. 31- 49.

UOL. Monumentos podem ser reconstruídos sem perder autenticidade? 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/04/17/monumentos-podem-ser-reconstruidos-sem-perder-autenticidade.html>. Acesso em 21 de set. 2023.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Tradução de Stella Senra. Brasília: Editora UNB, 1998.

WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.